



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: agosto de 2010.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico da Abag
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural
Agroanalysis
Carta Capital

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
Etanol.....	4
Cana mantém aquecido mercado de terras – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 02/08/2010	4
Syngenta começa a vender mudas de cana-de-açúcar – Alexandre Inácio – Valor Econômico – Agronegócios – 03/08/2010	5
Energias renováveis sob a ótica empresarial – Paula Thomaz – Carta Capital – 06/08/2010.....	6
Braskem será terceiro maior comprador de etanol do país – Eduardo Laguna – O Globo – Economia – 10/08/2010.....	8
Usina Santa Cruz volta ao azul em 2009/10 – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 11/08/2010	9
Braskem fecha contrato de etanol com grupo de usinas - Mônica Scaramuzzo e Eduardo Laguna – Valor Econômico – 11/08/2010.....	9
Certificação de açúcar e álcool entra na reta final – Bettina Barros – Valor Econômico – 11/08/2010.....	11
Consolidação do setor sucroalcooleiro chega ao Nordeste brasileiro – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 12/08/2010	12
Dreyfus enxuga custos e investe em mecanização na Paraíba – Murillo Caramrotto – Valor Econômico – Agronegócios – 12/08/2010	13
Com demanda em alta, o etanol exige política clara de crédito – Adriano Pires – Folha de São Paulo – Mercado – 13/08/2010.....	15
Com demanda em alta, o etanol exige política clara de crédito – Adriano Pires – Folha de São Paulo – 13/08/2010	16
Cosan participará de leilão de biomassa – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – 16/08/2010.....	17
São Martinho lucra R\$ 22,9 milhões no primeiro trimestre fiscal – O Globo – Economia – 16/08/2010.....	18
À sombra da cana, amendoim desponta no interior paulista – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 20/08/2010	19
Avanço para outras regiões e clima dificultam avaliação da safra de cana – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 21/08/2010	21
Petrobras fecha parceria para etanol a partir de bagaço de cana – Valor on line – 24/08/2010.....	21
Petrobras planeja usar bagaço de cana na produção de álcool – Cirilo Junior – Folha de São Paulo – Mercado – 25/08/2010.....	22
Oferta de cana para moagem recua 7% - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 27/08/2010	23
ETH Bioenergia inaugura usina de R\$ 1 bi em Goiás – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 27/08/2010.....	24
Clima seco provoca quebra na safra de cana - TATIANA FREITAS – Folha de São Paulo – Mercado – 27/08/2010.....	25
Embrapa pesquisa etanol com base em resíduos agroindustriais – Sítio Eletrônico do MAPA – 27/08/2010	26
Proibição da queima poderá reduzir a oferta de cana às usinas em São Paulo – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 28/08/2010.....	26
Etanol celulósico – Valor Econômico – 25/08/2010.....	27
Biodiesel.....	28

Carnes e biodiesel pressionam moagem de soja – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 04/08/2010.....	28
Agropalma suspende produção de biodiesel em unidade de Belém – Alexandre Inácio – Valor Econômico – Agronegócios – 13/08/2010	28
As limitações do biodiesel – Celson Ming – Estado de São Paulo – Economia – 29/08/2010	29
Petrobras e Bióleo – Valor Econômico – 30/08/2010	30
POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS	31
Etanol.....	31
Produção de etanol não traz desenvolvimento social – Sítio Eletrônico do MST – 10/08/2010	31
Secretaria vai fiscalizar queima de palha da cana – José Maria Tomazela - O Estado de São Paulo – 11/08/2010	32
Soja deve continuar sendo a principal fonte para produção de biodiesel no país - AMARYLLIS ROMANO – Folha de São Paulo – Mercado – 11/08/2010.....	33
Petróleo estável dá espaço para resina verde – Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – 18/08/2010.....	34
Álcool químico demarca território – Valor Econômico – 18/08/2010.....	35
Cientistas escoceses desenvolvem biocombustível com sobras do uísque - ANDREW BOLGER – Folha de São Paulo – Mercado – 20/08/2010	37
Pedida prisão de envolvidos em fraude do álcool – Bruno Tavares e Fausto Macedo - O Estado de São Paulo – 25/08/2010	37
Biomassa vai acirrar disputa com eólicas – Josette Goularte e Eduardo Laguna – Valor Econômico – Empresas – 26/08/2010	38
Eólica já compete com biomassa e domina leilão de alternativa – Folha de São Paulo – Mercado – 27/08/2010.....	39
Brasil está mais capacitado para produzir alimentos e biocombustíveis – Sítio Eletrônico do MAPA – 30/08/2010.....	41
Biodiesel	43
Pesquisadores debatem potencial do pinhão manso como biocombustível – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/08/2010.....	43
Programa de biodiesel não ajudou ambiente nos aspectos produtivos – Agência Folha – 24/08/2010	43
Incentivos ao biodiesel não melhoram indicadores ambientais em determinadas regiões – Globo Rural – 25/08/2010	45
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	49
Etanol.....	49
Brasil e China devem fabricar biocombustíveis na África – Cirilo Junior – Folha de São Paulo – Mercado – 24/08/2010.....	49

Etanol

Cana mantém aquecido mercado de terras – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 02/08/2010

Projetos sucroalcooleiros implantados entre 2008 e 2010 têm provocado a valorização das terras nas regiões de cana-de-açúcar.

O quadro é reflexo da atuação de usinas ainda em fase de maturação e que mantêm, após um ano de melhora do caixa, seus investimentos em canaviais para atingir a capacidade total planejada de processamento de cana. O avanço prossegue nas novas fronteiras, localizadas principalmente nos Estados de Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Estudo feito pela NAI Commercial Properties, multinacional americana especializada no mercado imobiliário, mostra que as terras na região do município de Pedro Afonso (TO) tiveram forte alta desde 2009. As áreas já abertas para agricultura estão valendo R\$ 3,6 mil o hectare, 33% mais do que em 2009, quando o hectare com as mesmas características valia R\$ 2,7 mil. As áreas de mata tiveram variação menor, no entanto, pouco desprezíveis. De R\$ 1,250 mil, o hectare desse tipo de terra subiu para R\$ 1,5 mil, alta de 20%, segundo levantamento da NAI.

“A infraestrutura oferecida na região de Pedro Afonso é um grande atrativo e, por isso, essa valorização.

A região oferece o acesso aos rios Tocantins e Sono e deve se beneficiar com a construção da ferrovia Norte Sul”, explica Aloísio Barinotti, presidente da NAI.

O principal projeto de cana de Tocantins é o da multinacional Bunge, que inaugurou neste ano uma usina justamente em Pedro Afonso, onde detém cerca de 14 mil hectares cultivados com cana de açúcar. A multinacional adquiriu neste ano outros 70 mil hectares na mesma região, para onde deve expandir seu projeto sucroalcooleiro.

Procurada, a empresa apenas confirmou que adquiriu mais terras na região, mas sem informar a área. Acrescentou que o objetivo da empresa é elevar o volume de cana própria em 60%.

Algumas regiões de Goiás também registraram uma das maiores valorizações puxadas pela cana. Estudo de mercado feito pela NAI na região do município de Edeia identificou que o hectare, que valia R\$ 8,5 mil em 2009, está sendo negociado agora no mercado a R\$ 10 mil, aumento de 17%. É no município de Edeia que está o projeto da usina Tropical, sociedade entre a petroleira British Petroleum, com o grupo Maeda — agora vendido ao fundo Arion Capital — e da Santelisa Vale, agora controlada pela francesa Louis Dreyfus.

Nas proximidades estão os três projetos de usinas da ETHBioenergia, associação da ETH, do grupo Odebrecht com a Brenco. A empresa tem planos de expandir seus canaviais de 80 mil a 100 mil hectares por ano nos próximos três anos nas unidades de

Goiás, e também na de Mato Grosso (Alto Taquari).

“Em 2008, 30 novas unidades industriais foram inauguradas no Centro-Sul. Em 2009, outras 20 usinas e mais dez neste ano. Esses projetos estão em estágios de maturação, cada um em sua fase, e são os principais motores desses investimentos em novos canaviais”, diz Antônio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da União das Indústrias de Cana de Açúcar (Unica).

A busca por terras em Minas Gerais, antes limitada a pastagens degradadas do Triângulo Mineiro, deve se estender às áreas de milho, cultura que promete baixa rentabilidade no próximo ciclo, diz Pierre Santos Vilela, coordenador da Assessoria Técnica da Federação da Agricultura do Estado (Faemg).

Como as 38 usinas sucroalcooleiras do Estado estão concentradas no Triângulo, as terras nessa região tiveram valorização de cerca de 3,5% de 2009 para 2010, segundo a Faemg. “A alternativa está sendo a expansão para as áreas de pecuária leiteira, no centro-oeste e noroeste do Estado”, diz.

Enquanto o preço do hectare menos produtivo no Triângulo é de R\$ 6,6 mil, as terras mais produtivas do oeste valem R\$ 5,2 mil, e as de pastagem, R\$ 2,8 mil.

Em Mato Grosso do Sul, os preços de áreas vêm se mostrando estáveis no último trimestre, segundo relatório da Scot Consultoria.

A maior procura é por áreas de pastagens degradadas. “Não temos muita competição pois ainda há sete milhões de hectares de pastagens degradadas disponíveis”, diz Luis Alberto Novaes, coordenador da Comissão de Agroenergia da Federação de Agricultura do Estado (Famasul).

Syngenta começa a vender mudas de cana-de-açúcar – Alexandre Inácio – Valor Econômico – Agronegócios – 03/08/2010

A multinacional Syngenta sequer inaugurou sua nova fábrica de mudas para cana-de-açúcar em Itápolis (SP), mas já estima contratos de venda no valor de US\$ 200 milhões, para usinas do Centro-Sul, até dezembro deste ano. O novo sistema de produção de mudas da empresa foi desenvolvido em 2008 e promete redução nos custos com plantio, já que as mudas são bem menores do que as convencionais.

A expectativa da Syngenta é que as novas mudas — ou gemas — cubram uma área entre 120 mil e 150 mil hectares nos próximos cinco anos, dos quase 2 milhões de hectares cultivados com cana de açúcar na região Centro-Sul.

O primeiro grupo a ter acesso à tecnologia será a Usina Guaíra, de Guaíra, no interior paulista. A partir de 2011, a empresa iniciará o plantio com as mudas da Syngenta em uma área de 180 hectares. O plano, no entanto, é cultivar todos os 4,5 mil hectares que a usina tem com as novas mudas até 2015.

Na fila para fechar contratos estão outras 70 unidades de 25 grupos, que já estão testando o novo sistema de mudas, no qual são utilizadas gemas de aproximadamente 4 centímetros cada, já com tratamento de defensivos.

A nova técnica tende, segundo a Syngenta, a substituir o modelo tradicional, em que o plantio é feito com mudas de aproximadamente um metro. Essas mudas são plantadas pelas próprias usinas em suas áreas de cana.

“Para se plantar um hectare de cana no sistema convencional, eram necessárias entre 15 e 18 toneladas de cana. Pelo novo sistema é preciso apenas uma tonelada”,

afirma Antonio Carlos Motta Guimarães, presidente da Syngenta Proteção de Cultivos para América Latina. O executivo lembra que as primeiras avaliações de campo apontam para uma redução de 5% a 10% no custo de plantio.

O presidente da Usina Guaíra, Eduardo Junqueira da Motta Luiz, considera que o setor sucroalcooleiro adotará o sistema rapidamente. “As usinas eram obrigadas a destinar uma área grande para o cultivo das mudas. A partir de agora, deixo de fazer esse plantio e incorporo a área no cultivo comercial”, explica.

Há outras vantagens, segundo Junqueira. O sistema permite o plantio direto e a mecanização do cultivo, o que dará mais velocidade e eficiência ao processo. A fabricante de máquinas americana John Deere desenvolve uma plantadeira para semear as novas mudas (veja texto ao lado).

As análises feitas pela Syngenta e pelas usinas indicam que, com a mecanização, as linhas de plantio de cana ficam retas, permitindo um aumento na velocidade de colheita entre 25% e 30%, já que os dados fornecidos pelo GPS do plantio são exatamente os mesmos transferidos para as máquinas que fazem a colheita.

Além da fábrica de Itápolis, com inauguração prevista para o primeiro trimestre de 2011, outras unidades de produção de mudas de cana estão nos planos da Syngenta para atender a demanda de regiões onde o cultivo tem crescido nos últimos anos.

A expectativa é que a empresa avance para Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná. A unidade paulista vai ocupar uma área de 50 hectares, mas a Syngenta terá outros 1,1 mil hectares para cultivar as variedades de cana mais utilizadas pelas usinas.

Energias renováveis sob a ótica empresarial – Paula Thomaz – Carta Capital – 06/08/2010

A primeira mesa do seminário. Em pé, Renato de Andrade Costa, da Petrobras; depois Márcia Leal, do BNDES; Ricardo Young, conselheiro do Ikatu e WWF; e Marcos Jank, da Única. Foto: Régis Filho

A primeira mesa de debates dos Diálogos Capitais, que aconteceu na sexta-feira, mediada por Ricardo Young, conselheiro do WWF, foi composta por Marcos Jank, presidente da Única – União da Indústria de Cana-de-açúcar; Renato de Andrade Costa, gerente-geral de negócios de energia do Gás da Petrobras e Márcia Leal, chefe do departamento de energia do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

O vazamento de petróleo no golfo do México que aconteceu há quase quatro meses foi um dos pontos iniciais abordados pelo palestrante Marcos Jank, presidente da Única – União da Indústria de Cana-de-açúcar. Para ele, falar sobre as tendências dos biocombustíveis no Brasil significa falar também de um mundo “pós-petróleo”. Mas ressalta: “não quer dizer que ele vá desaparecer”.

O mundo pede diversificação de energia e isso significa “o petróleo vai começar a ser substituído (...) porque o Brasil desenvolve várias experiências em biocombustível.” Num breve histórico, o palestrante falou que a primeira vez que o biocombustível se tornou importante para o Brasil foi nos anos 1970, com o Proálcool – que foi desenvolvido para evitar o aumento da dependência externa de divisas quando dos choques de preço de petróleo por conta da substituição ao petróleo. Até os anos 1990, o projeto foi esmorecendo e perdendo a importância para os governantes. “As ações voltadas para essa área renasceram em 2003 pelas mãos da indústria automobilística.” Esse momento ele chama de auge da segunda fase do Proálcool. Que é

a do carro flex, “hoje chegamos a quase 50% da frota de carros flex no Brasil e 90% dos carros novos vendidos são os bicomcombustíveis. Segundo Jank, somente há dois anos começa a terceira fase do Proálcool, que foi a decisão dos EUA e da União Europeia de caminhar para a mistura de etanol com a de biodiesel nos combustíveis fósseis. “Essa é uma das alternativas para resolver o problema do petróleo mais caro e altamente poluente. Nós estamos falando em emitir menos CO₂, redução de poluição nos escapamentos, por exigência de legislações que estão sendo criadas nesses países de obviamente diversificar as fontes energéticas. Os 200 países que há no mundo dependem dos 20 que têm petróleo.”

Ao longo dos últimos 30 anos a cana-de-açúcar se tornou um novo paradigma do setor energético. “Gostemos ou não queiramos ou não. E é reconhecida lá fora como uma solução de baixo carbono”, afirma.

Apesar de a discussão climática estar na ordem do dia e sobre sustentabilidade estar na ordem do dia, o pré-sal tem destaque no cenário econômico nacional. Jank não acha que o debate sobre o pré-sal vá ofuscar a importância da cana. “O debate está acontecendo porque todo mundo que descobre petróleo fica picado pela doença holandesa. Acho que isso vem na contramão do que o Brasil vinha fazendo e o mundo está querendo aprender com o Brasil como se faz para reduzir carbono na gasolina.”

Além disso, o cálculo feito pela Única mostra o alto potencial de bioeletricidade que, segundo Jank, é o de 13 /14 mil megawatts médios “e isso equivale a três usinas de Belo Monte. Nós temos, neste momento, três Belos Montes adormecidas nos canaviais brasileiros nos canaviais brasileiros. Eu não estou falando de plantar mais cana para fazer energia elétrica. Estou falando de, simplesmente usar o bagaço e a palha que já existem hoje.”

O representante da Única levanta alguns riscos e desafios da utilização da cana. “Ainda temos no Brasil uma imensa ciclotimia de políticas públicas energéticas. Falta transparência na formação de preços principalmente no caso da gasolina e dos impostos que incidem sobre a gasolina e sobre o álcool. Esse é um setor muito fragmentado que agora começa a ficar um pouco mais concentrado na mão de novos grupos que estão entrando.”

Uma nova frente – Sempre relacionada ao petróleo, a Petrobras mostrou como está inserida na área de energias renováveis, principalmente o gás. Apresentação feita pelo gerente-geral de negócios de energia do gás, Renato de Andrade Costa, fala que fontes complementares. Só o álcool e a gasolina não vão atender a demanda de combustível no país. E que, para a geração de energia elétrica, a Petrobras vai priorizar o gás em detrimento de óleo combustível. O gás é necessário de forma flexível. E a Petrobras construiu uma infraestrutura que permite o fornecimento do gás de acordo com a demanda”, diz.

Pensando além do petróleo, a Petrobras atua também no setor elétrico com usinas termelétricas, eólicas e hidroelétricas. Em 2000, começou a construir termelétricas e ampliou a participação no setor.

O parque gerador possui 15 unidades próprias, de subsidiárias ou de empresas que temos participação acionária. A capacidade total de geração elétrica das usinas é superior a cinco mil megawatts (MW).

Durante a apresentação, Renato de Andrade Costa falou da unidade piloto da Petrobras de energia eólica. “Para gerar eletricidade com a força dos ventos, possuímos, desde 2004, uma unidade-piloto em Macau (RN), com potência instalada de 1,8 MW.”

Pequenas centrais hidrelétricas também fazem parte dos investimentos da empresa. Elas possibilitam atendimento às necessidades de carga de pequenos centros urbanos, regiões rurais e unidades industriais.

A subsidiária Petrobras Distribuidora também participa do setor elétrico oferecendo serviços como eficiência energética, co-geração, geração com biomassa, comercialização de energia e geração na ponta

Financiamento de projetos – Márcia Leal, chefe do departamento de energia do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), falou sobre o apoio do BNDES ao setor elétrico e que vem dando ênfase na diversificação energética. Segundo Márcia, “o banco tem apoiado fortemente no setor elétrico”. Contudo, o setor hidrelétrico é o que mais recebe financiamentos, mas ela diz que as termelétricas são bastante relevantes no portfólio do banco.

A chefe do departamento de energia explicou que “as condições para financiamento de projetos de biomassa são iguais. Os prazos são os mesmos (16 anos). Sempre sujeita às capacidades de pagamento dos projetos que tem de ser auto-sustentáveis. O spread básico também é o mesmo. As usinas à gás tem um prazo um pouco menor, mas o spread é o mesmo.” Em relação às usinas de carvão e óleo o financiamento é concedido desde que esteja na política de expansão do Ministério de Minas e Energia, “mas as condições são mais rigorosas e o spread é bem maior e metade do financiamento”, fala.

Sorteio de assinatura – O ganhador de um ano de assinatura da revista CartaCapital é Carlos H. Fioravanti. O departamento de marketing entrará em contato via e-mail.

Fique com o artigo de Antonio Nobre “Biocombustíveis num planeta ameaçado: o instável protagonismo brasileiro”

Na segunda-feira, leia a cobertura completa do seminário.

Braskem será terceiro maior comprador de etanol do país – Eduardo Laguna – O Globo – Economia – 10/08/2010

SÃO PAULO - O presidente da Braskem, Bernardo Gradin, disse hoje que sua empresa estará entre os três maiores consumidores de etanol do país com o início das operações da planta de eteno verde no polo petroquímico de Triunfo (RS), previsto para setembro.

A unidade produzirá 200 mil toneladas anuais de eteno - um dos insumos para a produção de plástico - a partir do consumo de 460 mil metros cúbicos de etanol de cana-de-açúcar. No total, a Braskem passará a demandar 700 mil metros cúbicos de etanol, volume que só fica atrás das compras do produto feitas pelas revendedoras de combustíveis BR Distribuidora e Ipiranga, disse Gradin. "Em consumo (próprio), seremos os maiores", disse o executivo durante apresentação a jornalistas das demonstrações financeiras do segundo trimestre, quando a Braskem teve lucro líquido de R\$ 45 milhões.

Em Triunfo, a companhia já garantiu as contratações de etanol necessárias ao suprimento da unidade de eteno verde. O projeto está dentro do plano da Braskem de ser o maior grupo em química sustentável do mundo. Um direcionamento estratégico nesse sentido deverá ser colocado para apreciação do conselho de administração em setembro. A ideia é ter novos projetos de produção de insumos plásticos a partir do etanol a outras partes do Brasil e do mundo.

Gradin assinalou que a companhia tem dialogado com governos estaduais e de outros países para levar métodos de produção sustentáveis. "O novo projeto pode ser no Brasil ou fora", disse. O posicionamento "sustentável", no entanto, não afeta os projetos

em andamento no exterior, que envolvem investimentos na Venezuela, no Peru e no México.

Nos Estados Unidos - um dos focos da internacionalização da Braskem após a compra de ativos da Sunoco Chemicals -, Gradin informou que a companhia só voltará a analisar novas aquisições a partir do quarto trimestre. "O mercado americano está andando de lado e acreditamos que as oportunidades vão continuar no primeiro semestre do ano que vem", disse o presidente da petroquímica.

O executivo ainda informou que a companhia desistiu de vender a distribuidora de produtos químicos quantiQ. No entanto, o grupo vai buscar um sócio para o negócio. "Faz sentido manter a distribuidora", afirmou Gradin, acrescentando, no entanto, que a quantiQ não fará concorrência com os distribuidores de resinas da Braskem.

No campo do suprimento energético, o grupo segue interessado em ter uma participação na usina hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, como autoprodutor. A petroquímica, contudo, ainda não obteve uma resposta sobre as premissas apresentadas para sua entrada no consórcio responsável pela construção da usina. (Eduardo Laguna | Valor).

Usina Santa Cruz volta ao azul em 2009/10 – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 11/08/2010

Parceira da São Martinho e do grupo São João na comercializadora de açúcar e álcool Allicom, a usina Santa Cruz registrou lucro de R\$ 35,4 milhões na safra 2009/10, encerrada em 31 de março deste ano. Na temporada anterior, o grupo obteve prejuízo de R\$ 60,2 milhões. Fundada em 1945, a usina é administrada por Maurício Krug Ometto e tem capacidade para processar de 3,6 milhões a 4 milhões de toneladas de cana por safra. A usina está localizada na cidade paulista de Américo Braziliense.

A empresa teve receita líquida de R\$ 326,3 milhões, ante os R\$ 267 milhões obtidos na safra 2008/09. Em seu balanço, o grupo informou um passivo de R\$ 607 milhões, sendo R\$ 216 milhões no curto prazo e R\$ 391 milhões no longo prazo. Ao final da safra 2008/09, o endividamento da empresa era maior, de R\$ 644 milhões, dos quais R\$ 298 milhões de curto prazo e R\$ 346 milhões no longo prazo.

Em 2008, a Santa Cruz, que já vendia sua produção em parceria com o grupo São João, reuniu ao time a São Martinho para formar a Allicom, braço de comercialização de açúcar e álcool das três parceiras.

O consórcio, que ainda não divulgou seu balanço, tinha previsão de comercializar açúcar e álcool equivalente a moagem de 25 milhões de toneladas de cana.

Braskem fecha contrato de etanol com grupo de usinas - Mônica Scaramuzzo e Eduardo Laguna – Valor Econômico – 11/08/2010

A petroquímica Braskem fechou contrato com pelo menos dez usinas de **etanol** para a compra de álcool químico. O produto será utilizado para a produção de resina verde em sua fábrica em Triunfo (RS), cuja operação terá início em setembro. A empresa consumirá cerca de 700 milhões de litros anuais de etanol, o que a torna a

maior consumidora global desse produto para uso químico, superando a Rhodia. Se considerar todos os tipos de álcool, o grupo fica em terceiro no país, atrás de BR e Ipiranga, que usam o produto apenas como combustível.

Além da ETH Bionergia, empresa sucroalcooleira da Odebrecht, conglomerado que também controla a Braskem, e Cosan, outras oito usinas fazem parte do seleto grupo de fornecedores. Estão nessa lista a Bunge, Copersucar, AdecoAgro, CPA Trading, Noble, Açúcar Guarani e Mandu. A petroquímica também vai buscar o produto no mercado "spot" (físico) e a exigência é de que seus fornecedores estejam enquadrados no código de ética da empresa, que respeitem questões relativas à sustentabilidade.

O grupo não detalha o volume da compra de etanol por usinas, nem valor de cada contrato. Estimativas, com base nos preços atuais do álcool, indicam que o desembolso para o consumo de 700 milhões de litros por ano gira em torno de R\$ 700 milhões.

A Braskem quer ser tornar cada vez mais uma empresa "verde". Em setembro, a companhia vai apresentar proposta para seu conselho de administração aprovar aportes em um novo projeto de resina verde. Segundo Bernardo Gradin, presidente da petroquímica, a empresa estuda projetos dentro e fora do país, em parceria com governos, para desenvolver novas rotas sustentáveis de produção.

A fábrica de Triunfo deverá produzir por ano 200 mil toneladas de resinas "verdes" (eteno e polietileno). O desafio da companhia é desenvolver uma rota de produção de polipropileno a partir de matéria-prima renovável, projeto que estava sendo tocado pela Quattor antes da incorporação pela Braskem. Segundo Gradin, os custos de produção dessa rota ainda não são economicamente viável, o que tem exigido pesquisas do grupo.

O posicionamento sustentável da companhia não deverá afetar os projetos em andamento no exterior, que envolvem investimentos na Venezuela, Peru e México. Nos EUA, onde adquiriu a Sunoco, Gradin informou que a companhia só voltará a analisar novas aquisições a partir do quarto trimestre. O executivo informou que a companhia desistiu de vender a distribuidora de produtos químicos quantiQ, mas está em busca de um sócio para esse negócio. No segundo trimestre, a empresa se desfez de outro ativo, a Variant.

No campo do suprimento energético, o grupo mantém interesse, como autoprodutor, em ter participação na usina de Belo Monte. A petroquímica ainda não obteve uma resposta sobre as premissas apresentadas para sua entrada no consórcio responsável pela construção da hidrelétrica.

Ontem, a companhia anunciou que encerrou o segundo trimestre com lucro líquido de R\$ 45 milhões, valor bem menor quando comparado ao R\$ 1,156 bilhão no mesmo período do ano passado. No mesmo período, a receita líquida alcançou R\$ 6,516 bilhões, alta de 47% sobre o segundo trimestre de 2009. No primeiro semestre, o faturamento líquido do grupo ficou em R\$ 10,982 bilhões, alta de 58% sobre o o primeiro semestre de 2009. No período, a Braskem encerrou com prejuízo líquido de R\$ 78 milhões, ante lucro líquido de R\$ 1,166 bilhão.

A empresa planeja realizar, ainda este ano, emissão de eurobônus para melhorar o perfil de sua dívida. "O mercado está receptivo para determinados nomes (...). Para alguns

emissores, há receptividade", afirmou Marcela Drehmer, responsável pela área de finanças e relações com investidores da Braskem. Drehmer disse que a companhia ainda não definiu o volume financeiro da futura captação, mas adiantou que a operação deverá seguir o montante de benchmark (referência) do mercado de eurobônus.

Com o aquecimento do mercado no segundo semestre, Gradin acredita que a demanda por resinas deverá crescer 10% este ano, atingindo 4,7 milhões de toneladas, ante a previsão anterior, de 4,5 milhões de toneladas.

Certificação de açúcar e álcool entra na reta final – Bettina Barros – Valor Econômico – 11/08/2010

As primeiras certificações brasileiras de açúcar e álcool com o selo global BSI (Better Sugarcane Initiative) deverão ocorrer até novembro deste ano. O selo deverá facilitar a entrada dos produtos brasileiros na União Europeia (UE), que exigirá a partir de 2011 diretivas ambientais para os biocombustíveis produzidos e importados pelo bloco.

Única certificação voltada exclusivamente para a cana-de-açúcar, o BSI começou a ser elaborado há quatro anos e reúne grandes produtores e consumidores de açúcar e álcool, como Coca-Cola, Shell e BP (British Petroleum), além de financiadores (IFC, afiliada do Banco Mundial) e organizações não governamentais (WWF entre elas).

"O selo é a porta de entrada para a UE", diz Geraldine Kutas, assessora-sênior para assuntos internacionais da presidência da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). "As primeiras certificações sairão já na próxima safra".

De acordo com Geraldine, o processo foi atrasado por algumas indefinições na Europa quanto às novas regras ambientais. Há ainda duas pendências no bloco: a proibição do cultivo de matérias-primas para biodiesel sobre pastagem de alto grau de biodiversidade e o efeito indireto na mudança do uso da terra.

Apesar disso, o conselho do BSI, baseado em Londres, aprovou no último dia 30 seus próprios critérios e princípios, e agora irá submetê-los à apreciação da Comissão Europeia (o braço executivo da UE). O órgão dirá se os padrões definidos pelo BSI estão de acordo com as novas diretivas ambientais europeias.

Nos próximos dias, a Unica enviará os padrões do BSI para os seus associados. A expectativa é de uma boa adesão. "A certificação dos biocombustíveis será obrigatória", diz Geraldine, referindo-se ao bloco de 27 países.

Segundo ela, a ideia inicial contemplava apenas a certificação do açúcar. Mas os questionamentos sobre a sustentabilidade do **etanol** acabaram estendendo as discussões ao produto. A principal crítica é de que a expansão da cana força as demais culturas a se deslocarem para áreas ainda preservadas, como a Amazônia.

O BSI determinará as certificadoras que auditarão as usinas. Além do BSI, há opção do Rainforest Alliance, criado nos anos 90, auditado no Brasil pelo Imaflora.

Consolidação do setor sucroalcooleiro chega ao Nordeste brasileiro – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 12/08/2010

Depois do forte movimento de consolidação no segmento sucroalcooleiro no Sudeste do país e da onda de construção de usinas no Centro-Oeste, investidores agora garimpam no Nordeste novas oportunidades de negócios com açúcar e álcool.

Até agora relegada pela maioria dos grandes grupos em expansão na área, a região tem na logística um diferencial considerável para atrair novos projetos e aportes.

Para eventuais aquisições, pesa o fato de os preços dos ativos industriais nordestinos serem, em média, 20% menores do que no Sudeste. Também a possibilidade de criação de companhias maiores a partir de parcerias regionais está na mira de players do ramo.

Nesse contexto, diz Marco Gonçalves, diretor de fusões e aquisições do BTG Pactual, negociações para fusões e aquisições já estão em andamento no Nordeste. Ele não revela detalhes, mas diz que “há três ou quatro grupos, que reúnem capacidade de moagem de cana equivalente a algo como 25 milhões a 30 milhões de toneladas, que são interessantes para grupos que querem se expandir no Nordeste”. Com 73 usinas, a região tem capacidade para moer 75 milhões de toneladas de cana por safra, o que significa cerca de 11% da capacidade nacional.

Mas há gargalos crônicos que ainda deixam alguns possíveis investidores com o pé atrás, e alguns deles são bem conhecidos: baixa produtividade agrícola, terrenos mais íngremes e de difícil mecanização e um ciclo vicioso que ajudou a formar um segmento que, de forma geral, usa pouca tecnologia em relação ao Centro-Sul.

Daí a importância, para os investidores, do fator logístico. As taxas de elevação (carregamento no navio) de açúcar nos portos, por exemplo, são de US\$ 7 por tonelada nos portos do Nordeste, ante US\$ 11,50 em Santos, segundo levantamento da consultoria Datagro.

Além disso, afirma Plínio Nastari, presidente da Datagro, os gastos com frete são bem menores.

“Enquanto uma usina na região de Ribeirão Preto [SP] tem que despender R\$ 60 por tonelada transportada até o porto de Santos, as distâncias menores entre usina e portos no Nordeste fazem com que os gastos com frete fiquem em R\$ 16 a tonelada”. Pedro Robério de Melo Nogueira, presidente do Sindicato de Açúcar e Alcool de Alagoas, informa que, na média, as usinas do Estado ficam a 60 quilômetros da região portuária — distância que, em São Paulo, supera 200 quilômetros. “Há usinas que estão a 30 quilômetros do litoral, e não precisam sequer gastar com armazenamento no porto”, diz.

Esses custos menores têm compensado o rendimento agrícola inferior de muitos dos produtores nordestinos. “Além disso, para muitos destinos externos, o frete marítimo é menor a partir do Nordeste, o que redundará em menos custos. São estes os principais motivos que fazem a região ser competitiva internacionalmente”, afirma Nastari.

Outro ponto importante é que, historicamente, os preços do açúcar no mercado interno nordestino são bem superiores aos registrados no Sudeste. Com exceção de parte de dezembro, em todos os outros 11 meses do ano o preço da saca de 50 quilos do açúcar cristal é mais alto no Nordeste do que em São Paulo (Indicador Cepea/ Esalq), segundo levantamento da consultoria FCStone com base em preços dos últimos cinco

anos. Em junho, julho e agosto, a diferença chega a R\$ 10 por saca, com a saca valendo R\$ 44 em Pernambuco e R\$ 34 em São Paulo.

Conforme Gonçalves, do BTG Pactual, para aproveitar as vantagens e diluir os problemas, os investidores interessados no Nordeste procuram grupos locais que tenham escala maior, entre 3 milhões e 4 milhões de toneladas de capacidade, e nos quais possam assumir o controle mesmo sem 100% do negócio.

A escala ainda é um problema na região. Segundo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a capacidade média de moagem das usinas do Nordeste é de 790,8 mil toneladas por safra, ante a média de 1,6 milhão das usinas do Centro Sul. No entanto, as consolidações regionais vêm sendo estudadas justamente para driblar essa dificuldade e aumentar a atratividade dos ativos nordestinos.

Grupos da região iniciam projeto para diminuir gastos e aumentar

Primeira cultura em larga escala a ser implantada no Brasil, ainda no período colonial, a cana de açúcar teve por muitas décadas seu auge nos feudos nordestinos.

O declínio começou com as descobertas de minérios na região hoje chamada de Sudeste, e aprofundou-se com as diversas crises enfrentadas pelo segmento ao longo das últimas décadas.

Dos centenários grupos sucroalcooleiros do Nordeste, alguns conseguiram, ainda que com dificuldade, passar pela “seleção natural” do mercado. Entre os maiores estão o Coruripe, que tem origem e sede em Alagoas e outras três usinas em Minas Gerais, e o grupo também alagoano Carlos Lyra que, entre outros problemas, teve uma de suas usinas, a Lajinha, inundada pelas águas do dilúvio que atingiu o Nordeste neste ano e que prejudicou boa parte da safra regional de cana-de-açúcar.

Há, ainda, as unidades do grupo do senador João Lyra, em recuperação judicial, além dos pernambucanos Santo Antônio e Olhos D’Água. A francesa Louis Dreyfus já tem unidades na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

Somente em Pernambuco, o setor já teve 700 mil hectares cultivados com cana, ante os 400 mil atuais, conta Renato Cunha, presidente do Sindicato das Indústrias de Açúcar e Alcool do Estado (Sindaçúcar). Maior Estado canavieiro do Nordeste, Pernambuco lidera o projeto para resgatar a competitividade da região. O trabalho busca variedades mais produtivas e o desenvolvimento de máquinas de colher cana em áreas de maior declive. “O potencial é para reduzir custos de produção na ordem de 20% a 30% no médio prazo”, afirma Cunha. (FB)

Dreyfus enxuga custos e investe em mecanização na Paraíba – Murillo Caramrotto – Valor Econômico – Agronegócios – 12/08/2010

Em pouco mais de duas semanas começa mais uma temporada de corte de cana no município de Pedras de Fogo, 65 quilômetros ao sul de João Pessoa, capital da Paraíba.

Pelo segundo ano consecutivo, os trabalhadores da usina Giasa, comprada em 2007 pelo grupo francês Louis Dreyfus, assistirão à performance de uma máquina com capacidade de colher 700 toneladas de cana por dia.

Em pleno desenvolvimento no Centro-Sul do país, a colheita mecanizada ainda engatinha no Nordeste, onde a irregularidade dos terrenos dificulta a operação das

máquinas. Apesar disso, a substituição dos cortadores já é uma realidade e deve continuar avançando em ritmo acelerado na região.

Presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação de Alcool do Estado da Paraíba (Sindalcool), Edmundo Coelho Barbosa observa que, hoje, apenas 5% do corte de cana do Nordeste é feito por máquinas.

Em cerca de oito anos, estima o dirigente, poderá chegar a 50%. Na Paraíba, beneficiada por terrenos mais planos, a mecanização poderá atingir até 80% no mesmo intervalo. “Na safra 2010/11, chegaremos aos 15%”, diz.

O corte mecanizado, contudo, é apenas mais uma das muitas tarefas a serem cumpridas pelas usinas do Nordeste na busca por ganhos de eficiência. Hoje, os canaviais da região rendem, em média, algo em torno de 60 toneladas por hectare, um terço menos do que no Centro Sul, onde o volume gira ao redor de 90 toneladas na mesma área.

Em contrapartida, a região conta com importante vantagem geográfica. A proximidade entre as usinas e os portos pode ser um diferencial importante na concorrência pelo mercado externo. Segundo Barbosa, o preço para se embarcar álcool no Porto de Suape, em Pernambuco, é quase 60% inferior ao praticado em Santos, por exemplo. “No caso do açúcar, é quase quatro vezes menor”, diz.

Ainda assim, o Nordeste tem uma operação bem menos eficiente, o que exige uma operação mais enxuta. “Aqui é preciso encontrar não um, mas todos os caminhos para a redução de custos”, afirma o presidente do Sindalcool. Além disso, ele sugere maior cooperação entre as usinas, como, por exemplo, para a compra conjunta de insumos.

“Em Alagoas isso já está sendo posto em prática por meio de cooperativas. Gera uma redução de custos excepcional”, conta.

Em Pedras de Fogo, que tem a Giasa como principal atividade econômica, a racionalização feita pela Dreyfus desagradou a parte da população. O chefe de gabinete da prefeitura, Manoel Virgolino dos Santos, diz ter ouvido queixas sobre as demissões e terceirizações realizadas pelo grupo francês.

Os comerciantes locais afirmam que a reestruturação feita pela Dreyfus afetou negativamente a economia da região. “Eles deixaram de contratar pessoas daqui, e o movimento caiu bastante”, conta Joaquim Trajano, diretor da Câmara de Dirigentes Lojistas de Itambé (PE), município vizinho a Pedras de Fogo. O órgão representa os comerciantes das duas cidades.

Segundo o presidente do Sindalcool, houve, de fato, uma profunda racionalização nos custos da Giasa, que até 2007 pertencia ao grupo pernambucano Tavares de Melo. A mudança, necessária na visão de Barbosa, desagradou não só a moradores e comerciantes, mas também a fornecedores da usina.

“Anteriormente os fornecedores iam lá e falavam direto com o dono da empresa. Podiam conseguir alguma facilidade, às vezes ficavam devendo. Agora já não há mais a figura do dono, mas sim de profissionais perseguindo metas”, conta Barbosa.

Entre as principais medidas adotadas pela empresa, diz o presidente do Sindalcool, está o alinhamento na gestão das duas usinas localizadas no Nordeste. As plantas de Pedras de Fogo e de Goianinha (RN) passaram a ser administradas pela mesma equipe de profissionais, o que acarretou redução de quadros e de custos.

Funcionário da Giasa há 36 anos, o almoxarife Luciano João se diz satisfeito com os novos padrões. “Para mim até melhorou, por causa do plano de saúde, que eu não tinha. Mas para a maioria piorou, por causa de demissão e terceirização”, conta.

Segundo Barbosa, a Dreyfus já teria se movimentado no sentido de fazer novas compras de usinas no Nordeste. Procurada, a empresa preferiu se manifestar por meio de comunicado, pelo qual informa que o aumento da produtividade da usina Giasa tem criado “mais oportunidades de trabalho”. A Dreyfus informou ainda que está investindo na mecanização da colheita no município e que mantém aportes regulares em programas de educação, treinamento, saúde e segurança do trabalho, além de outras ações sociais.

Com demanda em alta, o etanol exige política clara de crédito – Adriano Pires –
Folha de São Paulo – Mercado – 13/08/2010

Desde 2003, quando começou no Brasil a venda dos veículos flex, o etanol hidratado aumentou sua importância entre as fontes de energia utilizadas no setor de transportes.

A participação do combustível renovável foi a que mais aumentou entre 2003 e 2009, crescendo 408%, bem acima da taxa de seus concorrentes. No mesmo período, o consumo de gasolina C cresceu 17% e o de Gás Natural Veicular (GNV) aumentou 58%, o que levou a uma expansão de 154% na frota de veículos convertidos para GNV.

Se a atual tendência de crescimento das vendas de combustíveis for mantida, considerando a taxa de aumento anual verificada entre 2003 e 2009 (de 2,6% para gasolina C e de 31,1% para o etanol), em 2013 o consumo deste irá superar o daquela. Para que isso ocorra sem causar sobressaltos tanto para os produtores como para os consumidores, é preciso uma política clara sobre crédito para o etanol. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social obteve autorização do CMN, em julho, para destinar uma nova linha de financiamento para a formação de estoques de etanol visando reduzir a volatilidade dos preços do combustível no período de entressafas, que vai de janeiro a abril. Estarão disponíveis até R\$ 2,4 bilhões para a produção da safra de cana-de-açúcar 2010/11, por meio de outras instituições financeiras. Esse crédito poderá financiar a formação de estoque de até 4 bilhões de litros de etanol. É importante lembrar que o BNDES já disponibilizou linha de crédito similar, de R\$ 2,3 bilhões, para a produção da safra de 2009/10, mas fracassou ao tentar formar estoques de etanol.

Enquanto o preço da gasolina está sujeito às variações do do petróleo e às políticas de preço da Petrobras, o do etanol é fixado pelos produtores, levando-se em consideração o preço da gasolina e, principalmente, o volume de etanol produzido, muitas vezes sujeito a problemas climáticos.

Em fevereiro deste ano, pela primeira vez desde a introdução dos veículos flex em 2003, o etanol perdeu competitividade em todos os Estados brasileiros, à exceção do de Mato Grosso. Com isso, o consumidor teve de substituir o etanol pela gasolina. Na esteira da crise mundial de 2008, os bancos foram muito cautelosos para emprestar recursos para o setor sucroalcooleiro, repassando menos de 10% dos recursos disponibilizados pelo banco estatal.

Agora o BNDES reduziu os juros do financiamento. Para a safra 2009/10, a taxa foi de 11,25% ao ano, considerada alta pelos usineiros. Já para 2010/11, a taxa será de 9%. Com juros menores e considerando um cenário financeiro mais otimista após a crise

financeira, os produtores esperam que a linha de crédito do BNDES para o etanol atinja seu objetivo precípuo. Os consumidores também. A conferir.

ADRIANO PIRES é diretor do CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura).

Com demanda em alta, o etanol exige política clara de crédito – Adriano Pires –
Folha de São Paulo – 13/08/2010

Desde 2003, quando começou no Brasil a venda dos veículos flex, o etanol hidratado aumentou sua importância entre as fontes de energia utilizadas no setor de transportes.

A participação do combustível renovável foi a que mais aumentou entre 2003 e 2009, crescendo 408%, bem acima da taxa de seus concorrentes.

No mesmo período, o consumo de gasolina C cresceu 17% e o de Gás Natural Veicular (GNV) aumentou 58%, o que levou a uma expansão de 154% na frota de veículos convertidos para GNV.

Se a atual tendência de crescimento das vendas de combustíveis for mantida, considerando a taxa de aumento anual verificada entre 2003 e 2009 (de 2,6% para gasolina C e de 31,1% para o etanol), em 2013 o consumo deste irá superar o daquela.

Para que isso ocorra sem causar sobressaltos tanto para os produtores como para os consumidores, é preciso uma política clara sobre crédito para o etanol.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social obteve autorização do CMN, em julho, para destinar uma nova linha de financiamento para a formação de estoques de etanol visando reduzir a volatilidade dos preços do combustível no período de entressafas, que vai de janeiro a abril.

Estarão disponíveis até R\$ 2,4 bilhões para a produção da safra de cana-de-açúcar 2010/11, por meio de outras instituições financeiras. Esse crédito poderá financiar a formação de estoque de até 4 bilhões de litros de etanol.

É importante lembrar que o BNDES já disponibilizou linha de crédito similar, de R\$ 2,3 bilhões, para a produção da safra de 2009/10, mas fracassou ao tentar formar estoques de etanol.

Enquanto o preço da gasolina está sujeito às variações do do petróleo e às políticas de preço da Petrobras, o do etanol é fixado pelos produtores, levando-se em consideração o preço da gasolina e, principalmente, o volume de etanol produzido, muitas vezes sujeito a problemas climáticos.

Em fevereiro deste ano, pela primeira vez desde a introdução dos veículos flex em 2003, o etanol perdeu competitividade em todos os Estados brasileiros, à exceção do de Mato Grosso. Com isso, o consumidor teve de substituir o etanol pela gasolina. Na esteira da crise mundial de 2008, os bancos foram muito cautelosos para emprestar recursos para o setor sucroalcooleiro, repassando menos de 10% dos recursos disponibilizados pelo banco estatal.

Agora o BNDES reduziu os juros do financiamento. Para a safra 2009/10, a taxa foi de 11,25% ao ano, considerada alta pelos usineiros. Já para 2010/11, a taxa será de 9%.

Com juros menores e considerando um cenário financeiro mais otimista após a crise financeira, os produtores esperam que a linha de crédito do BNDES para o etanol atinja seu objetivo precípuo. Os consumidores também. A conferir.

Cosan participará de leilão de biomassa – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – 16/08/2010

O grupo Cosan deverá participar do próximo leilão de reserva de biomassa previsto para este mês. Marcos Lutz, CEO da companhia, informou que ainda não definiu qual o projeto que será levado ao leilão. O grupo tem, no total, 10 usinas que comercializam energia a partir do bagaço de cana e outras duas unidades em fase final de investimentos.

A companhia é uma das maiores investidoras de geração de energia a partir de biomassa no país. Neste primeiro trimestre, a Cosan registrou receita de R\$ 55,4 milhões com a comercialização de energia, a um preço médio de R\$ 176,6 MWh.

A receita líquida do grupo neste primeiro trimestre (abril a junho) cresceu 12,2%, em relação ao mesmo período do ano passado, para R\$ 4 bilhões. No mesmo período, a Cosan registrou lucro líquido de R\$ 8,7 milhões, ante resultado positivo de R\$ 337,3 milhões no primeiro trimestre de 2009, e Lajida (lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações), com crescimento de 15%, totalizando R\$ 358 milhões.

A divisão Cosan Combustíveis e Lubrificantes (CCL), que responde por maior participação no faturamento (69,5%) do grupo, apresentou receita de R\$ 2,8 bilhões, um aumento de 13% - recorde para o primeiro trimestre. Detentora da marca Esso, a Cosan está em negociações avançadas para concluir a joint venture com a Shell, anunciada no início deste ano. Segundo Lutz, ainda não há uma data fechada para a conclusão dessa operação, mas as duas empresas trabalham para que ocorra em breve.

Maior produtora de açúcar e álcool do país, a Cosan atingiu novo recorde de moagem no primeiro trimestre, com 19,9 milhões de toneladas cana esmagadas - das quais 49,8% próprias e 50,2% de terceiros. Como resultado dos investimentos realizados nos últimos meses, a companhia atingiu um índice de mecanização da colheita igual a 80% no trimestre. Foram produzidas cerca de 1,3 milhão de toneladas de açúcar. A produção de **etanol** cresceu 21,9% no período, para 755 milhões de litros - 74% hidratado e 26% anidro). O faturamento da Cosan Açúcar e Álcool gerou receita líquida de cerca de R\$ 1,3 bilhão no trimestre. As vendas de açúcar somaram R\$ 829,3 milhões, alta de 27,4%. Com etanol, a receita atingiu R\$ 356,9 milhões no primeiro trimestre, queda de 25,6% sobre o mesmo período de 2009.

A companhia informou que atrasou a exportação de 150 mil toneladas de açúcar no primeiro trimestre por causa dos congestionamentos nos portos brasileiros. O atraso nos

embarques entre abril e junho corresponde a uma perda de cerca de R\$ 4 milhões, informou o gerente de relações com investidores da empresa, Felipe Jansen. Já a unidade de transporte ferroviário, Rumo Logística, foi beneficiada pela grande demanda por transporte de açúcar para os portos, segundo Lutz.

São Martinho lucra R\$ 22,9 milhões no primeiro trimestre fiscal – O Globo – Economia – 16/08/2010

SÃO PAULO - A produtora de açúcar e etanol São Martinho obteve lucro líquido de R\$ 22,964 milhões em seu primeiro trimestre fiscal de 2011, resultado 20,6% menor que os R\$ 28,907 milhões apurados no mesmo período do ano passado.

A companhia lembra, porém, que o lucro do primeiro trimestre fiscal de 2010 foi impulsionado por um ganho não recorrente de R\$ 74,3 milhões por conta de efeito da variação cambial. A receita líquida cresceu 31,3%, para R\$ 285,451 milhões. O desempenho operacional foi impulsionado pelas vendas de açúcar, que cresceram 69,3%, atingindo R\$ 177,4 milhões. O produto apresentou acréscimo de 26,3% no volume vendido e aumento superior a 30% no preço.

Em contrapartida, a receita líquida com vendas de álcool hidratado atingiu R\$ 52,2 milhões, 12,4% a menos do que no primeiro trimestre fiscal de 2010. O resultado reflete a queda de 26,2% no volume vendido, que acabou sendo compensado parcialmente pela melhora de 18,8% no preço médio.

Segundo a São Martinho, a redução nas vendas de etanol hidratado reflete a estratégia comercial da companhia de concentrar as vendas do produto na entressafra, período que apresenta preços melhores.

A receita líquida com álcool anidro totalizou R\$ 35,8 milhões no trimestre, uma alta de 18,8% frente a igual período do ano passado. O aumento de 25,7% no preço de comercialização foi o principal responsável pela melhora, já que o volume vendido recuou 5,4%.

Desta forma, a geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, amortização e depreciação (Ebitda, na sigla em inglês) da São Martinho saltou 173,4%, para R\$ 114,396 milhões. Já o Ebitda ajustado - que considera itens não caixa lançados no custo de produtos e despesas operacionais não recorrente - foi de R\$ 118,473 milhões, com alta de 168,1%. Os investimentos caíram de R\$ 37,3 milhões no primeiro trimestre fiscal de 2010 para R\$ 20,6 milhões mesmo período do ano fiscal de 2011. Segundo a empresa, a queda será revertida nos próximos trimestres devido a uma diferença no cronograma de investimentos entre as duas safras. O investimento previsto para a safra 2010/11 está estimado em R\$ 175 milhões.

A dívida líquida somava R\$ 843,2 milhões em junho, 9,7% a menos em relação a junho do ano passado. O indicador dívida líquida/Ebitda encerrou o período em 1,9 vez, contra 4,2 vezes um ano antes.

(Téo Takar | Valor)

Escócia desenvolve biocombustível de uísque - Kirsty Scott - Estado de S.Paulo – 18/08/2010

O fato pode dar um significado inteiramente diferente para a frase "one for the road" (a saideira). O uísque, bebida que aquece a economia escocesa, está sendo usado para o desenvolvimento de um novo biocombustível, que poderá ser encontrado nos postos em alguns anos.

Utilizando amostras da Glenkinchie Distillery em East Lothian, pesquisadores da Universidade Napier, em Edimburgo, desenvolveram um método de produção de biocombustível a partir de dois subprodutos obtidos no processo de destilação de uísque - o líquido que fica no alambique e resíduos dos grãos utilizados.

Grandes quantidades desses dois subprodutos são obtidas pelo setor a cada ano e, segundo os cientistas, existe um grande potencial para esse novo biocombustível, que poderá ser vendido em postos locais, ao lado dos combustíveis tradicionais. Ele pode ser usado em carros convencionais, sem necessidade de adaptar os motores, e também em aviões.

Com esse novo método vai se produzir o butanol, superior ao etanol, que fornece 30% a mais de energia. O método foi baseado num processo usado há cem anos para produção de butanol e acetona por meio da fermentação do açúcar. Ele foi adaptado pela equipe de cientistas, que usou os subprodutos do uísque como ponto de partida.

O professor Martin Tangney, que dirigiu o projeto, diz que o uso dos resíduos produzidos na fabricação do uísque é mais sustentável em termos ambientais que as plantações destinadas à produção de biocombustível. "O que as pessoas têm de fazer é parar de pensar "ou um ou outro"; parar de pensar no mesmo tipo de alternativa para o petróleo. Coisas diferentes serão necessárias em países diferentes", completa o pesquisador.

À sombra da cana, amendoim desponta no interior paulista – Fabiana Batista –
Valor Econômico – Agronegócios – 20/08/2010

Pouco se vê da doce fruta na cidade. Os pés de jaboticaba habitam um quintal aqui outro acolá, batizam uma antiga praça, de onde vem o nome da cidade, mas no fim das contas, o negócio de Jaboticabal é mesmo a cana-de-açúcar. E é na esteira dessa cultura que os pés do rasteiro amendoim vêm se valendo para conseguir espaço ao sol, desbancando até a soja como alternativa de rotação de cultura nos canaviais.

De Jaboticabal e região parte o amendoim para os usos mais nobres da indústria alimentícia, não só nacional mas do exigente mercado europeu. Os salgadinhos estão no topo da pirâmide, por exigir grãos inteiros e claros. Torrones e chocolates sucedem os "snacks" na escala de qualidade do produto.

Por fim, paçocas e doces diversos que só perdem em virtudes para o amendoim esmagado para produção de óleo de cozinha e ração.

Dessa região também vem o modelo "cana-amendoim", que está sendo replicado a outras regiões de São Paulo para onde os canaviais avançaram no lugar das pastagens — com as quais o amendoim já fazia parceria como cultura de rotação.

A produção nacional dessa oleaginosa está na casa das 300 mil toneladas — apesar da queda no ano passado, resultado da menor renovação dos canaviais (ver matéria abaixo).

Desse total, cerca de 230 mil toneladas, ou 76%, são originadas em São Paulo — o restante se distribui no Paraná, Minas e Mato Grosso.

Jaboticabal é considerada o epicentro do amendoim, que também tem outro forte pólo de produção nas tradicionais regiões paulistas de Marília e Tupã. Não só pela forte produção local e dos municípios vizinhos, mas por sediar a maior cooperativa brasileira de produtores de amendoim, a Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba (Coplana), que neste ano iniciou investimentos de R\$ 30 milhões para expandir em 20% a capacidade de recebimento e processamento do grão.

O projeto inclui a construção de uma nova fábrica, que vai permitir automatizar 100% dos processos da unidade, que tem capacidade para receber (pré-limpeza, secagem, limpeza, envase e armazenamento) e processar (descascar, tirar película e padronizar) 50 mil toneladas de amendoim em casca, que resulta em uma produção final de 36 mil toneladas do grão.

“Somos pequenos produtores de cana e grandes de amendoim”, diz Roberto Cestari, vice-presidente da Coplana. Isso porque, em área própria, geralmente de menor dimensão, é que os produtores cooperados entram com cana. Para cultivar amendoim, arrendam áreas de grandes produtores de cana e de usinas. Walter Aparecido de Souza, o maior produtor de amendoim da cooperativa, planta 800 hectares da oleaginosa por ano, sendo que 80% em área arrendada.

Como haverá maior área de renovação de canavial, este ano ele vai conseguir plantar 15% a mais. Natural de Jaboticabal, Souza diz que a vantagem da roça de amendoim é que ela gera lucro mesmo em áreas muito pequenas, o que não ocorre com a soja. Ainda, demanda menos investimento em maquinário. “Você pode plantar amendoim em uma área de 50 hectares. Mas soja não é viável em menos de 250 hectares”, diz Souza.

O que acontece com o amendoim, diz o produtor, é que ele demanda muito manejo. Somente de inseticida e fungicida são oito aplicações de cada um. De herbicida, mais uma dose. “Durante a safra, o manejo é muito intensivo e o produtor não sai do campo. Por isso, dizem, não costuma nascer filho de produtor nove meses depois da safra”, brinca o produtor.

Os 160 produtores associados da Coplana — que tem como um dos fundadores Antonio Rodrigues Filho, pai do ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues — colheram na safra 2009/10 44 mil toneladas de amendoim em casca, 20% da produção nacional. São também os principais exportadores do país com 16 mil toneladas, das 42 mil toneladas que devem ser enviadas ao exterior neste ano.

O amendoim é uma oleaginosa de origem sul-americana e que, no Brasil, começou a ser cultivada na década de 40, também em São Paulo, para produção de óleo de cozinha e farelo. O país chegou a ser um dos principais produtores mundiais do grão e produzia o dobro dos volumes atuais, diz Renata Martins, pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura de São Paulo.

Até que problemas de sanidade — marcados pela elevada incidência do fungo aflatoxina — provocaram o declínio da cultura, intensificado com o fortalecimento da soja como fonte de óleo para alimentação, conta Renata. A partir do fim dos anos 90, iniciou-se movimento para recuperar a cultura.

O primeiro passo foi a substituição da variedade rasteira por uma mais verticalizada para permitir a mecanização da colheita. Essa variedade também traz grãos maiores e mais claros, muito demandados pelas empresas européias.

Dos anos 2000 para cá, já com mais tecnologia, a produção expandiu 75%. O ganho de produtividade, devido ao uso de mais tecnologia, subiu 60%. “Em Jaboticabal, a produtividade dobrou para 180 sacas de 25 quilos nos últimos anos”, orgulha-se Cestari.

Avanço para outras regiões e clima dificultam avaliação da safra de cana – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 21/08/2010

A previsão de safra de cana-de-açúcar está mais complicada neste ano do que nos anteriores. Aumentou o volume de cana colhida em regiões fora de São Paulo, como Goiás e Minas Gerais, e o número de variáveis de interferências cresceu. Além do aumento de projetos novos, cada região tem características específicas de clima. "Sabemos que a produção de cana será menor do que imaginávamos, mas ainda não sabemos quanto", afirma Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). Enquanto no ano passado houve atraso na colheita, neste ano há adiantamento. Com isso, a cana colhida de dezembro do ano passado a março último (safra 2009/10) não estará pronta para a nova colheita de 2010/11. Mas isso é uma decisão que cada usina deverá tomar isoladamente, dificultando uma estimativa para o setor, segundo Padua. Apesar da queda no volume de cana, há compensação no rendimento da matéria-prima, fato que deve garantir demanda e oferta mais equilibradas. Será um ano de crescimento maior no consumo de álcool anidro do que de hidratado. Logística e tributos tiraram a competitividade do hidratado em várias regiões do país, diz Padua.

Petrobras fecha parceria para etanol a partir de bagaço de cana – Valor on line – 24/08/2010

RIO - A Petrobras Biocombustíveis fechou parceria com a americana KL Energy para o desenvolvimento tecnológico voltado ao processamento de **etanol** a partir de bagaço de cana-de-açúcar. O objetivo da estatal é elevar a produção de etanol em 40% sem realizar desmatamento e sem elevar a utilização de matéria-prima em "uma só cana", acredita o gerente de Gestão Tecnológica da Petrobras Biocombustíveis, João Norberto Noschang Neto.

Na parceria, a brasileira pode investir até US\$ 11 milhões, totalmente destinados à planta da KLE. Desse total, US\$ 6 milhões serão direcionados para a adaptação da unidade de demonstração que a americana já detém em Upton, no estado de Wyoming.

O restante será utilizado caso os testes para produção a partir de bagaço sejam positivos. Os US\$ 5 milhões seriam utilizados para o pagamento de royalties e da propriedade intelectual sobre a tecnologia já desenvolvida pela americana.

A escolha da KLE se deu devido à sua experiência em desenvolvimento tecnológico

para produção de etanol a partir de celulose. Segundo o presidente da empresa, Peter Gross, a companhia já tem estudos para produção de etanol a partir de bagaço e de madeira. Eles detêm negócios no Brasil e na Colômbia, além dos próprios Estados Unidos.

A parceria poderá levar à construção de nova unidade de produção pela Petrobras. "Se tudo correr como o esperado, pretendemos partir para uma unidade de produção de escala maior do etanol de segunda geração", disse Noschang. A unidade industrial agregaria pelo menos 40% a mais que uma unidade de primeira de geração de etanol.

Atualmente, não há, no mundo, nenhuma unidade de produção com escala industrial, segundo o gerente da Petrobras Biocombustíveis.

O objetivo, com o investimento, é tentar manter a unidade na "vanguarda tecnológica". A parceria com a KLE vai acelerar o processo da Petrobras, já que o desenvolvimento de uma planta de testes levaria ao menos dois anos, enquanto a adaptação da planta nos EUA deve levar cerca de seis meses.

(Juliana Ennes | Valor)

Petrobras planeja usar bagaço de cana na produção de álcool – Cirilo Junior – Folha de São Paulo – Mercado – 25/08/2010

A Petrobras quer produzir o chamado álcool de segunda geração para elevar a produção do biocombustível. Para isso, firmou acordo com a americana KLE (KL Energy) para desenvolver tecnologia para fabricar, em escala industrial, álcool celulósico -obtido da celulose- a partir do bagaço da cana. A "primeira geração" é o aproveitamento de álcool a partir do caldo da cana. O bagaço serviria para produzir mais álcool. O contrato com a KLE é de 18 meses. Estima-se que o aproveitamento do bagaço eleve em até 40% a produção de uma unidade de fabricação de álcool. A produção atual da estatal é de 886 milhões de litros. A projeção é alcançar 2,6 bilhões em 2014. A construção de uma usina de álcool celulósico, que funcionaria a partir de 2013 e seria integrada à usina de cana, está condicionada ao sucesso do desenvolvimento da nova tecnologia.

Esse álcool ainda não é desenvolvido em escala industrial, e a Petrobras espera ser pioneira. "Há apenas testes. Queremos manter a vanguarda tecnológica na área de biocombustíveis", disse João Norberto Noschang, gerente de gestão tecnológica da Petrobras Biocombustíveis.

Oferta de cana para moagem recua 7% - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 27/08/2010

A forte estiagem que atingiu as regiões canavieiras do Centro-Sul reduziu o volume de cana disponível para moagem em 7%, segundo dados da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

No começo da safra no Centro Sul, a Unica chegou a estimar extra oficialmente que havia até 620 milhões de toneladas de cana disponíveis para serem processadas.

No entanto, optou por prever oficialmente moagem de 595,8 milhões de toneladas, considerando que podia, por exemplo, não haver capacidade instalada para processar o volume maior.

Mas a estiagem se prolongou de tal forma que nem a previsão mais “realista” se confirmou e agora os números indicam que o volume disponível para processamento neste ciclo é de 570,1 milhões de toneladas de cana.

Esse número pode ficar ainda menor. As previsões climáticas contratadas pela Unica indicam que não haverá chuva nessas regiões até 15 de setembro — o número de 570 milhões de toneladas já considera esse quadro, segundo o diretor técnico da Unica, Antônio de Pádua Rodrigues.

“No entanto, se a estiagem permanecer após esse período, provavelmente teremos que rever novamente para baixo”, disse.

Apesar do percentual elevado de quebra na moagem em toneladas, no fim das contas, o impacto na produção de açúcar e álcool não deve ter a mesma dimensão, disse Pádua. Isso porque a seca também trouxe efeito positivo, pois o sol potencializou a produção de açúcares na cana. Os níveis de ATR (açúcar contido na cana) estão mais altos e devem, na média, atingir 141,8 quilos por tonelada, 8,9% mais do que em 2009/10, e 2,3% acima da estimativa inicial da Unica.

Assim, a produção de açúcar caiu apenas 1,1% em relação às estimativas iniciais e deve ser de 33,73 milhões de toneladas. A de álcool caiu 3,7% para 26,38 bilhões, também em relação à previsão anterior. “Na comparação com a temporada 2009/10, os números continuam sendo de crescimento”, disse.

A situação climática desta safra é oposta à da temporada passada, quando o excesso de chuvas reduziu o tempo de aproveitamento da moagem. As precipitações elevadas também dificultaram o plantio de cana nas áreas de renovação, atividade que é feita parcialmente no começo de ano. Esse trabalho continuou a ser prejudicado porque, agora, a falta de chuvas não oferece condições para que o plantio seja realizado, explicou Pádua.

Assim, a estiagem deve afetar duplamente o volume de cana disponível para moagem na próxima safra. Além da baixa renovação, a seca também deve prejudicar a produtividade da cana já plantada. “Tudo vai depender do comportamento do clima”.

Pádua adianta que é provável que na próxima safra, a 2011/12, não haja crescimento e que o volume de cana para processamento seja semelhante ao da atual temporada.

Usinas sem apetite para retomar investimentos

A menor disponibilidade de cana — também resultante dos esparsos investimentos em tratamentos culturais e em expansão agrícola nos últimos dois anos — não é o único problema do setor sucroalcooleiro no Centro-Sul. A nova onda de investimentos aguardada para 2011 não deve ocorrer, pelo menos por enquanto, disse o presidente da

União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Marcos Jank. “Não vejo nas empresas apetite para lançar novos projetos em 2011, até pelo elevado custo desses empreendimentos”.

Após 25 usinas novas terem entrado em operação em 2007/08, outras 30 em 2008/09, e mais 19 unidades em 2009/10, o ritmo de investimentos despencou com a crise global. Nesta temporada, a previsão era de que dez unidades novas — resultado de investimentos iniciados antes da crise de 2008 — começassem a operar.

Dessas, cinco entraram em operação e outras quatro serão inauguradas até o fim deste ano, prevê a Unica. A décima deve entrar em atividade em 2011, juntamente com três ou quatro unidades que podem ser concluídas em 2011.

“As companhias sofreram muito com a crise e se não houver políticas públicas de apoio ao setor, essa onda de investimentos não virá no ritmo de crescimento da demanda”, disse Jank.

Além da redução da alíquota de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre o etanol nos Estados em que o tributo supera os 12%, Jank defendeu mais rapidez na liberação de recursos para estocagem e maior participação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na consolidação do setor. “Há potencial de consolidações regionais entre usinas menores que têm elevadas sinergias. Assim como investe em empresas de outros setores, como as de carnes, o BNDES poderia também ser mais atuante no setor sucroenergético”, disse.

Ele argumentou que é preciso políticas públicas para esse segmento, sob pena de o país ter dificuldades mais à frente de atender à demanda crescente por etanol.

“Todos os indicadores mostram que a demanda é crescente. A oferta precisa acompanhá-la”, afirmou o dirigente. (FB)

ETH Bioenergia inaugura usina de R\$ 1 bi em Goiás – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 27/08/2010

Unidade terá capacidade para moer 3,8 mi de toneladas de cana por safra

Com outras cinco unidades, a ETH moerá 12 mi de toneladas de cana e produzirá 850 mi litros de etanol em 2010

Até 2015, o mercado interno será o foco principal da ETH Bioenergia, o braço sucroenergético da Odebrecht. A partir dessa data, a empresa deverá focar também o mercado externo. Para se preparar para a demanda interna de bioenergia, a empresa coloca hoje em operação mais uma usina, onde investiu R\$ 1 bilhão e obterá a produção de 360 milhões de litros de álcool e 380 GWh de energia elétrica. A capacidade de moagem dessa nova unidade, que está localizada em Mineiros (GO), é de 3,8 milhões de toneladas de cana por safra. José Carlos Grubisich, presidente da empresa, explica o motivo da opção inicial pelo mercado interno. "A demanda interna é crescente e a oferta não vem evoluindo no mesmo ritmo devido à crise que o setor viveu." Muitos projetos foram adiados, segundo ele, o que não ocorreu com a ETH. A partir de 2015, quando o mercado externo se consolidar e a ETH já tiver concluído os projetos internos, a empresa buscará investimentos em outros países produtores de cana-de-açúcar, como América Latina e África.

A recente combinação de ativos da ETH com a Brenco vai permitir que o grupo antecipe a meta de produção, assumindo a liderança no setor de bioenergia em 2012.

ÁLCOOL

E

ENERGIA

Grubisich diz que naquela safra o grupo terá nove usinas em operação, com capacidade de moagem de 40 milhões de toneladas de cana. Esse volume de matéria-prima deverá gerar 3 bilhões de litros de álcool. Além da produção de etanol, a empresa deverá gerar 2.700 GWh e produzir entre 600 mil e 700 mil toneladas de açúcar. O produto representará pouco no mix (composição dos produtos). "Servirá para gerenciar volatilidade [alterações de preços]." A unidade a ser inaugurada hoje e as próximas três em construção fazem parte do antigo projeto da Brenco. Ainda nesta safra, a nova unidade, denominada Morro Vermelho, produzirá 90 milhões de litros de etanol. Incluídas as outras cinco unidades em operação, a ETH deverá moer 12 milhões de toneladas de cana neste ano e produzir 850 milhões de litros de etanol. A Morro Vermelho é a primeira do polo Araguaia. Em novembro, entrará em operação a Alto Taquari e, em 2012, o polo já contará com quatro unidades, moendo 15,2 milhões de toneladas por safra.

Clima seco provoca quebra na safra de cana - TATIANA FREITAS – Folha de São Paulo – Mercado – 27/08/2010

DE SÃO PAULO

O clima seco no centro-sul do país, principalmente em São Paulo, provocou uma quebra de 7% na safra 2010/11 de cana. Segundo estimativa da Unica (que reúne a indústria do setor), 570 milhões de toneladas deverão ser moídas nesta temporada, ante potencial de 610 milhões de toneladas (volume de cana no campo no início da safra). A previsão também representa uma queda de 4,3% ante a estimativa divulgada em abril, de 596 milhões de toneladas. Ainda assim, o volume é 5,3% superior ao total processado na safra 2009/10. "Se não chover até o final de setembro, poderemos fazer uma nova revisão", diz Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica. Mas, se, por um lado, a seca resulta em menor volume de cana, por outro, beneficia a produtividade industrial, pois resulta em maior teor de açúcar na matéria-prima. "Menos água na cana significa maior quantidade de açúcar", afirma Padua. A qualidade do insumo, portanto, melhorou. O açúcar total recuperável por tonelada de cana deve ficar em 142 quilos nesta safra, ante 138 quilos por tonelada estimados anteriormente.

A produção de açúcar deve ficar em 34 milhões de toneladas, com queda de 1% ante a projeção de abril e crescimento de 18% em relação à safra passada. Já a produção total de etanol deve atingir 26 bilhões de litros, retração de 3,7% em comparação à projeção de abril, porém 11% maior do que em 2009/10. "A disponibilidade de etanol é compatível com a demanda", diz Padua, que descarta volatilidade de preços na entressafra.

Embrapa pesquisa etanol com base em resíduos agroindustriais – Sítio Eletrônico do MAPA – 27/08/2010

Brasília (27.8.2010) - A tecnologia do processo de produção do etanol de segunda geração, que utiliza resíduos agroindustriais como matéria-prima, está sendo pesquisada no Brasil e no mundo. O objetivo é aumentar a produção de biocombustível, sem degradar o meio ambiente. O processo será mostrado no estande da Embrapa Agroenergia, na *18ª Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro)*, que ocorre entre 30 de agosto e 3 de setembro, em Sertãozinho (SP). Também estará na *33ª Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários (Expointer)*, a partir de 28 de agosto até 5 de setembro, em Esteio (RS).

Para Silvia Belém, pesquisadora da Embrapa Agroenergia, esse tipo de produção é uma alternativa vantajosa porque pode substituir os combustíveis derivados de petróleo, diminuindo a emissão dos gases de efeito estufa e os impactos ambientais. No Brasil, as usinas já utilizam o bagaço de cana-de-açúcar na co-geração de energia. O excedente desse material pode ser aproveitado na produção de outra forma de energia, o bioetanol.

Quem visitar o estande da Embrapa Agroenergia nas duas feiras poderá conhecer as matérias-primas e o processo de produção etanol de 2ª geração. O passo a passo, demonstrado em vídeo, terá explicações dos técnicos e pesquisadores. *(Da Redação, com informações da Embrapa)*

Mais informações nos sites da [Fenasucro](#) e da [Expointer](#).

Proibição da queima poderá reduzir a oferta de cana às usinas em São Paulo – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 28/08/2010

As empresas que ainda não atingiram um bom patamar de mecanização no corte da cana-de-açúcar podem sofrer redução na oferta de matéria-prima para a moagem. Devido à baixa umidade do ar, a Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) estendeu a proibição da queima da cana também para o período noturno. Conforme a empresa, está proibida a queima em qualquer período e em todos os municípios do Estado. Essa proibição só deverá agravar a situação de algumas usinas se o clima seco persistir por muito tempo. A redução na oferta da cana ainda cortada manualmente deverá reduzir o ritmo de atividade das empresas. Fontes do setor dizem que, apesar dessa proibição, a oferta de álcool não deverá sofrer redução.

O consumo deverá crescer mais no anidro do que no hidratado neste ano. Em várias regiões do país, o hidratado deixou de ser competitivo, o que elevará o consumo de anidro em 13% neste ano. Já a demanda por hidratado fica estável, podendo até recuar, na avaliação de Antonio Padua Rodrigues, da Unica. A maior evolução de consumo fica no setor da indústria química, que deve crescer 50%. Na média, as vendas internas de álcool devem crescer 7% neste ano.

Etanol celulósico – Valor Econômico – 25/08/2010

A Petrobras Biocombustíveis fechou parceria com a americana KL Energy para o desenvolvimento tecnológico voltado para produção de **etanol** a partir de bagaço de cana-de-açúcar. Pelo acordo, a empresa brasileira pode investir até US\$ 11 milhões na planta da KLE, em Upton, no Estado de Wyoming. Desse total, US\$ 6 milhões serão direcionados para adaptação da unidade e os US\$ 5 milhões restantes para pagamento de royalties e da propriedade intelectual sobre a tecnologia, caso os testes sejam positivos.

Biodiesel

Carnes e biodiesel pressionam moagem de soja – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 04/08/2010

A demanda por farelo pelos setores de carne e biodiesel está impulsionando a moagem de soja neste ano. As indústrias brasileiras devem processar 33,6 milhões de toneladas da oleaginosa. Os dados são da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) e, se confirmados, vão representar uma evolução de 9,2% em relação ao volume do ano passado.

Ajudada pelo aumento de demanda do setor de carnes, a produção de farelo de soja sobe para 25,6 milhões de toneladas neste ano, 8,7% a mais do que o registrado na safra anterior.

O crescimento da exportação e da renda interna dos consumidores exigiu uma produção maior de carnes. Com isso, as empresas aumentaram a busca por farelo. Esse cenário é mais confortável para as indústrias do que quando a demanda vem do óleo de soja. A demanda de óleo de soja sem um mercado definido para o farelo se torna um problema para o escoamento do produto. Mas as indústrias encontram demanda nas duas pontas neste ano. Além do farelo, cresce também a demanda por óleo de soja para a produção de biodiesel. No ano passado, quando a taxa de mistura de biodiesel ao diesel foi de 3% no primeiro semestre e de 4% no segundo, a demanda desse setor foi de 1,1 milhão de toneladas de óleo. Neste ano, com uma taxa de mistura de 5%, as indústrias devem destinar 1,9 milhão de toneladas de óleo de soja para a produção de biodiesel. Os dados da Abiove indicam também um aumento nas exportações. O país deve colocar 29,8 milhões de toneladas de soja no mercado externo, acima dos 28 milhões de 2009. Os chineses mantêm um ritmo acelerado de importações de soja. Na avaliação do Usda (Departamento de Agricultura dos EUA), a China deverá importar 50 milhões de toneladas de soja neste ano. Em 2009, o país comprou 48 milhões de toneladas e em 2008, 41 milhões.

Agropalma suspende produção de biodiesel em unidade de Belém – Alexandre Inácio – Valor Econômico – Agronegócios – 13/08/2010

A Agropalma, uma das maiores empresas produtoras de óleo de palma do mundo, decidiu interromper as atividades de sua fábrica de biodiesel, em Belém. Depois de não conseguir fechar contratos de venda no último leilão da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), realizado em maio, a empresa não viu mais sentido em manter as atividades da planta.

“Ficamos de fora no último leilão por causa do preço. Ainda não sabemos se continuaremos ou não a produzir biodiesel. A chance de continuar é exatamente a mesma de parar”, afirma Marcello Brito, diretor comercial da Agropalma. No último leilão da ANP foram adquiridos 600 mil metros cúbicos do combustível, sendo que o preço médio pago pelo governo foi de R\$ 2.105,58 por metro cúbico.

Segundo Brito, a produção do biodiesel da Agropalma era feita a partir do ácido graxo residual do processo de refino do óleo de palma. Apesar de ser uma fonte de renda, a comercialização do combustível representava menos de 1% do faturamento da empresa, que tem foco na venda do óleo, produto que está valorizado no mercado internacional.

A empresa alega que a oferta superior à demanda tem pressionado os valores do biodiesel. De fato, o preço médio pago pela ANP no último leilão é 6% inferior ao praticado em março deste ano, de R\$ 2.237,05 por metros cúbico. A oferta, porém, já não supera mais a demanda pelo combustível. Dados da ANP mostram que a produção de biodiesel entre janeiro e julho de 2010 foi de 1,13 milhões de metros cúbicos para uma demanda do governo de 1,134 milhão.

Essa relação já foi muito pior. Em 2008, quando o Brasil passou a misturar o biodiesel ao diesel convencional, a produção do combustível de origem vegetal foi de 1,16 milhão de metros cúbicos para uma demanda de apenas 740,7 mil metros cúbicos.

As limitações do biodiesel – Celson Ming – Estado de São Paulo – Economia – 29/08/2010

Começa amanhã e vai até sexta-feira 19 leilão de biodiesel promovido pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Desta vez, o preço-base do biocombustível a ser fornecido pelos produtores às refinarias é de R\$ 2,32 por litro. Esse será o terceiro leilão em 2010 e tem como objetivo colocar no último trimestre do ano 615 milhões de litros do produto para garantir a mistura obrigatória de 5%(B5) ao combustível (diesel) que transporta grande parte da riqueza do país.

Em 2010 deverão ser produzidos 2,4 bilhões de litros de biodiesel, mas a capacidade instalada é quase o dobro disso: 4,6 bilhões. E por aí já se pode ter a primeira idéia dos problemas.

O programa do biodiesel carrega dois estrangulamentos estruturais graves. O primeiro deles é seu alto custo de produção, 60% maior do que o do diesel de petróleo. O projeto só é viável porque o governo lhe garantiu reserva de mercado. Cada litro de diesel vendido nos postos de combustível tem de ter, por lei, os tais 5% de biodiesel. Ainda assim, esse teor na mistura só era para acontecer em 2013. Foi a forte oferta que levou as autoridades a antecipá-lo para o início deste ano.

Apesar do presentão, os produtores acham pouco. Para garantir escoamento de sua mercadoria, querem já para 2014 uma mistura obrigatória de 20% nos grandes centros urbanos e de 10% no resto do país, conforme avisa o presidente do Conselho Superior da União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio), Juan Diego Ferres. Por enquanto o governo não dá mostras de atender a essa reivindicação.

O diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, Ricardo Dornelles, adverte que o programa precisa antes passar por uma profunda avaliação. O segundo estrangulamento é a excessiva dependência do óleo de soja, matéria-prima de nada menos que 85% de todo o biodiesel produzido no Brasil. Essa é uma vulnerabilidade grave, por duas razões. Primeira porque a soja é também alimento e seu uso como combustível pode provocar escassez com consequências geopolíticas. A segunda razão está ligada à primeira: a soja é uma commodity cujas cotações estão sujeitas aos trancos do mercado internacional. A qualquer momento uma alta súbita pode inviabilizar a produção. A saída parece óbvia: substituir a soja por outra matéria-prima. Mas a troca não é simples.

O especialista Jose Manuel Cabral, da Embrapa Agroenergia, explica que as pesquisas de campo levam tempo e que a obtenção de novas oleaginosas a custos compatíveis não ocorrerá antes de cinco ou seis anos.

A aposta da hora já foi o pinhao-manso e agora é o óleo de palma (conhecido como dendê). O mesmo hectare pode render 0,5 tonelada de óleo de soja e até 6 toneladas de óleo de palma. De olho nessa boa produtividade, o governo lançou em maio um programa de incentivo cultural. O objetivo é quadruplicar a produção em dez anos. Hoje, o dendê corresponde a apenas 0,89% da matéria-prima utilizada. Mas as limitações não se esgotam aí. Nenhuma outra fonte tem uma cadeia de produção e distribuição tão desenvolvida quanto a da soja. Eis só conta. /COLABOROU ISADORA PERON

Petrobras e Bióleo – Valor Econômico – 30/08/2010

A Petrobras **Biocombustível** informou na sexta-feira que comprou 50% da Bióleo Industrial e Comercial por R\$ 15,5 milhões, informou a Reuters. A empresa, de Feira de Santana (BA), extrai óleos vegetais e tem capacidade anual para processar 130 mil toneladas de oleaginosas e estocar 30 mil toneladas de grãos e 10 milhões de litros de óleo. O acordo prevê investimentos de R\$ 6 milhões, dos quais R\$ 3 milhões da Petrobras.

Etanol

Produção de etanol não traz desenvolvimento social – Sítio Eletrônico do MST – 10/08/2010

Os municípios produtores de etanol no estado de São Paulo não praticam um tipo sustentável de lavoura e nem conseguiram melhorar seu desenvolvimento socioeconômico. É o que aponta a dissertação Sustentabilidade Ambiental do Etanol no Estado de São Paulo, defendida nesta terça-feira, 3 de agosto, por Antônio Juliani, no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da UnB.

Juliani analisou 306 municípios paulistas com área de produção de cana de açúcar superior a 5 mil hectares. Segundo o pesquisador, 218 deles têm baixo índice de desenvolvimento socioeconômico, ou seja, 71%. Quando analisada somente a sustentabilidade ambiental, somente oito (2%) apresentam índice satisfatório.

O autor sustenta que muito se fala sobre as implicações ambientais da produção da cana-de-açúcar para biocombustíveis, mas pouco sobre as condições de vida das populações das regiões produtoras. “Parece que está tudo bem desde que não se plante na Amazônia”, pondera.

Segundo ele, não se pode desconsiderar os níveis de escolaridade e renda das populações, porque isso tem também implicações ambientais. “Uma população em condição de vulnerabilidade social tem menos consciência da necessidade de preocupar-se com o meio ambiente”, defende.

Outra causa para os baixos níveis de sustentabilidade ambiental é a falta de envolvimento das prefeituras com políticas voltadas para a área. “É necessário criar leis que regulamentem e fiscalizem a produção de etanol”, sugere.

Para medir o desenvolvimento socioeconômico, o pesquisador utilizou o Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), que mede a riqueza do município e a escolaridade e longevidade da população. “Ele se difere do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) porque pondera outras variáveis, como a faixa etária ou o consumo de energia elétrica”, conta. Também utilizou o Índice Paulista e Vulnerabilidade Social (IPVS), que mede a dificuldade de acesso a questões básicas como saúde e educação. Casando os dois índices, Juliani montou o índice de desenvolvimento sócio-econômico (ID).

Para medir a sustentabilidade ambiental, o autor utilizou indicadores relacionados à biodiversidade, qualidade do ar, qualidade da água, concentração da cultura de cana de açúcar, nível de mecanização da lavoura, uso de adubação verde e adequação ao zoneamento agroambiental para o setor no estado de São Paulo.

“O trabalho do Juliani é relevante porque se preocupa com as práticas por trás da produção do etanol”, sustenta o professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Hans Bellen. Segundo ele, o índice tem a preocupação de mostrar o lado social por trás do desenvolvimento econômico nos municípios. A professora Vanessa Castro, do CDS/UnB, destaca o grande número de municípios analisados. “É relevante porque faz grande estudo de caso e ainda traz grupo de comparação. É quase um censo da produção de etanol no estado de São Paulo”, diz.

Secretaria vai fiscalizar queima de palha da cana – José Maria Tomazela - O Estado de São Paulo – 11/08/2010

A Secretaria Estadual do Meio Ambiente vai fiscalizar e autuar produtores e usinas que queimam o excesso de palha em áreas de colheita mecanizada de cana-de-açúcar. Apesar de proibida, a prática continua e agrava as condições do ar, principalmente nas regiões centro-oeste e norte do Estado.

A reportagem flagrou vários pontos de queimada, anteontem, durante o dia, na região de Piracicaba. Em Capivari, o funcionário de uma usina usava um maçarico para espalhar o fogo sobre a palha em canavial recém-colhido. Fumaça denunciava a prática em outras áreas.

A queima da cana está proibida das 6 às 20 horas, desde o início de junho. Segundo o gerente do Projeto **Etanol** Verde, da secretaria, Ricardo Viegas, a prática "deve ser denunciada, pois a Cetesb vai fiscalizar e será passível de multa".

De acordo com Viegas, em cada hectare de cana colhido, ficam 13 toneladas de palha. Esse material, segundo ele, ajuda a conservar o solo.

O engenheiro agrônomo José Lima de Oliveira Junior, da Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba (Coplana), uma das maiores do Estado, disse que em algumas variedades o excesso de palha prejudica a rebrota da cana. O material favorece também a proliferação da cigarrinha, uma praga da lavoura. A alternativa recomendada, segundo ele, é tratar com defensivo o excesso de palha, evitando a queima.

De acordo com a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, apesar de a colheita de cana estar mais avançada este ano, em relação a 2009, a área colhida com o uso de fogo foi reduzida em 230 mil hectares. Um protocolo firmado com usinas e produtores prevê o fim da queima em 90% dos canaviais - áreas passíveis de mecanização - até 2014.

Nas regiões canavieiras

212

focos de incêndios e queimadas no Estado foram registrados nos últimos 30 dias pelo Inpe

Soja deve continuar sendo a principal fonte para produção de biodiesel no país -
AMARYLLIS ROMANO – Folha de São Paulo – Mercado – 11/08/2010

O Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), implantado em janeiro de 2005 pelo governo federal, mostrou-se eficaz em ampliar a capacidade de produção do biocombustível, permitindo a antecipação da mistura de 5% ao diesel fóssil em três anos.

O setor industrial respondeu de maneira rápida à mistura mandatória ao diesel e ao enorme potencial do mercado internacional de biodiesel. Em curto espaço de tempo, foi instalada uma capacidade de produção mais do que suficiente para atender à demanda obrigatória doméstica, atualmente em 5%, permitindo fornecer excedentes para a exportação.

De acordo com a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em maio deste ano existiam 63 plantas autorizadas a operar na produção de B100, três novas plantas à espera de autorização e sete em processo de autorização para ampliação de capacidade.

Considerando 360 dias de operação, a capacidade produtiva desse parque é de 5,11 milhões de m³ ao ano. Segundo projeções da Tendências Consultoria, em 2010 devem ser consumidos 49 milhões de m³ no país. Um dos principais objetivos do PNPB, no entanto, não foi alcançado: a diversificação de fontes para a produção de biocombustível. A soja tem sido e deve seguir como a principal matéria-prima, respondendo por cerca de 80% da produção nos próximos anos.

O uso majoritário do óleo de soja para a produção de biodiesel deriva, em primeira instância, do grau de amadurecimento dessa cultura no Brasil. Apenas no ciclo 2009/2010, o país teve uma safra recorde de 68,71 milhões de toneladas. A elevada disponibilidade é outro fator determinante. A produção de soja não é orientada à produção de óleo, mas principalmente à de farelo, empregado na ração animal.

A moagem do grão tem como subproduto o óleo, na proporção de cerca de 20%. O PNPB visava fomentar a produção de outros tipos de oleaginosas para a produção de biodiesel, através da agricultura familiar. Essas culturas, no entanto, ainda são muito incipientes, pois não foram desenvolvidos mecanismos eficazes de integração do pequeno produtor a uma estrutura de maior dinamismo.

Enquanto perdurar a sistemática de leilões de venda de biodiesel, resta aos produtores tentar adequar os preços-tetos propostos pela ANP às expectativas de preços do óleo de soja.

Essa questão é crucial, dada a estimativa de que a matéria-prima responda por 70% a 80% do custo de produção de biocombustível.

AMARYLLIS ROMANO é analista de biocombustíveis da Tendências Consultoria.

Internet: www.tendencias.com.br

Petróleo estável dá espaço para resina verde – Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – 18/08/2010

Depois de atingirem pico de alta dos preços em julho de 2008, batendo perto dos US\$ 150 por barril, as cotações do petróleo estacionaram, dois anos depois, em patamares entre US\$ 75 e US\$ 80. Analistas ouvidos pelo Valor acreditam em nova retomada, mas dizem que ainda é cedo para saber o momento da alavancada, uma vez que os fundamentos indicam uma lenta recuperação da economia nos EUA e da União Europeia neste ano, além de um ritmo de crescimento da China abaixo do esperado.

Ao contrário do movimento observado em outras commodities, como as de metais, que seguem atreladas ao dólar, o petróleo está vinculado aos fundamentos.

O impacto dos preços estáveis do barril do petróleo, entre US\$ 75 e US\$ 80, com oscilação tímida, de no máximo US\$ 5 para cima ou para baixo, é extremamente positivo, sobretudo considerando os custos para a cadeia petroquímica, e também para a produção de resinas verdes a partir do **etanol**, que fica economicamente viável com o barril nesses atuais patamares. No curto prazo, as temporadas de furacões nos EUA, que podem trazer incertezas sobre a região do Golfo, poderão ser um fator altista para os preços do petróleo.

"Nos primeiros meses de 2008, a economia global estava em um ritmo de aquecimento que há muito tempo não se via, demandando energia. O cenário era de crescimento elevado, com restrição de oferta, não de escassez. Os investidores financeiros estavam inflando os preços de todas as commodities", disse Lucas Brandley, analista da Geração Futuro. Com a crise, os preços chegaram ao fundo do poço, atingindo a mínima em 18 de fevereiro de 2009, com o barril do WTI a US\$ 37,41 (segundo contrato), e se estabilizaram nesses atuais patamares - US\$ 75 a US\$ 80.

Embora a economia mundial tenha ganhado impulso este ano em relação a 2009, período influenciado pela turbulência financeira global, a lenta recuperação dos EUA e a instabilidade na Europa continuam como os principais fundamentos para a pouca mobilidade das cotações do petróleo, de acordo com a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo).

"O mercado de petróleo vai ficar em função dos fundamentos. As expectativas estão postas a partir de 2011, com a possível recuperação mundial da economia", afirmou Tom Bentz, do BNP Paribas, uma dos principais analistas mundiais de petróleo.

Se levar em conta somente os fundamentos, para este ano é esperado um crescimento econômico global de 3,9%, enquanto a demanda global por petróleo mantém-se praticamente inalterada, com avanço de apenas 1%, segundo estimativas da Opep. Para 2011, cujo crescimento global é estimado em 3,7%, a demanda por petróleo do mundo deverá crescer na mesma proporção de 2010, refletindo o cuidado continuado sobre o ritmo de recuperação econômica global (ver quadro acima).

Países como Brasil, Canadá, Azerbaijão, Colômbia, Cazaquistão, que não estão entre os

maiores "players" de suprimento de petróleo, terão uma participação significativa na produção local, segundo a Opep, enquanto participantes relevantes, como México, Reino Unido e Noruega deverão apresentar declínio. Todo o crescimento deste ano na demanda por petróleo vai ser atribuído aos países não-membros da OCDE.

As previsões de crescimento econômico mundial entre 2010 e 2011 refletem alguma cautela. As economias dos países da OCDE, enfrentam o dilema em 2011, que estabelece medidas de austeridade na maioria das economias em um momento de baixo crescimento continuado. Os países em desenvolvimento continuarão como principais vetores do crescimento. O governo chinês está implementando medidas para evitar o superaquecimento da sua economia em rápida expansão. O ritmo de crescimento da Índia também deverá abrandar ligeiramente em 2011. O desempenho do Brasil tem surpreendido, beneficiado da melhoria das commodities.

Dados da Agência Internacional da Energia (AIE) indicam que o consumo global de petróleo em 2010 chegará aos 86,6 milhões de barris/dia, aumento de 1,8 milhão ou, 2,2% com relação a 2009. Para 2011, a expectativa é que chegue a 87,9 milhões, 1,3 milhão a mais, ou 1,5%, sobre 2010. As previsões são com base nos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), que indica crescimento econômico de 4,5% para este ano, e de 4,3% para 2011.

As expectativas sobre a substituição gradual de combustíveis fósseis por energias alternativas, apesar de grandes iniciativas, como as do Brasil e dos EUA, que estimulam a produção de etanol, e também a nova onda dos carros elétricos são vistas com bons olhos no mercado - uma vez que há um consenso global sobre a chamada economia de "baixo carbono". No entanto, essas opções são vistas ainda como um complemento. "As iniciativas são grandes, mas a base ainda é muito pequena", afirmou Brandley.

Com isso, o petróleo se mantém como principal matriz energética. Mas custos para exploração do petróleo em águas profundas, hoje entre US\$ 60 e US\$ 70 por barril, segundo fontes de mercado, devem ter um significativo aumento, por conta do acidente de vazamento de óleo da British Petroleum nos EUA. "As preocupações com segurança mudaram", ponderou Plínio Nastari, da consultoria Datagro.

"A matriz energética global ainda é pautada pelo petróleo, apesar das inúmeras previsões de fim das reservas. A Arábia Saudita, a maior produtora e exportadora global, tem reservas, o mesmo aplica-se à Venezuela, seguidos por Irã, Iraque, Kuwait, Emirados Árabes. Novas explorações, em países como Canadá e Brasil, com o pré-sal, ainda são vistas com cautela. Na região do Canadá e Alasca trabalha-se com petróleo em gelo, em ambiente inóspito, o que traz desgaste de equipamentos. Quanto ao pré-sal brasileiro, o mercado aguarda maior desenvolvimento tecnológico para avançar nas perfurações.

Álcool químico demarca território – Valor Econômico – 18/08/2010

A cadeia petroquímica brasileira já está buscando rotas alternativas em substituição ao petróleo para a produção de resinas termoplásticas verdes. "Com os

preços do petróleo nos patamares atuais (em torno de US\$ 80 o barril), a produção de plásticos a partir do **etanol** torna-se economicamente viável", afirmou ao Valor Plínio Nastari, presidente da consultoria Datagro.

A Braskem é a companhia mais avançada nesse segmento. A partir de setembro, a empresa coloca em operação sua unidade de resinas verdes no polo petroquímico de Triunfo (RS). A fábrica deverá produzir 200 mil toneladas de eteno e polietileno com matéria-prima renovável, dos quais dois terços deverão ser exportados. A companhia está com estudos avançados para descobrir novas rotas de produção de resinas a partir do polipropileno e busca parcerias para desenvolver plástico verde dentro e fora do país. Há conversas com Estados e governos de outros países para firmar acordos, segundo informou o grupo.

A destinação de etanol para as indústrias químicas tem crescido a cada ano. Até julho, as empresas químicas absorveram cerca de 80 milhões de litros por mês desse tipo de álcool. A partir deste mês, o consumo mensal está estimado em 120 milhões de litros, um aumento de 50%. A expectativa é de que esse mercado movimente 2,5 bilhões de litros por ano em 2015. "Esse mercado é real no curto e longo prazo e ocupa um espaço que seria destinado às exportações. Traz capital de giro às usinas", afirmou Antonio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União das Indústrias da Cana-de-açúcar).

Segundo Pádua, o Brasil está preparado para esse mercado há cerca de 25 anos. "Entre 1985 e 1986, o consumo de etanol para esse fim ficou entre 800 milhões a 1 bilhão de litros anuais destinados à produção de eteno. Àquela época, o preço do etanol era equalizado com o da nafta."

Empresas como Braskem, Rhodia, Oxiteno (do grupo Ultra) estão entre os principais concorrentes desse mercado. Somente a Braskem, hoje a maior das Américas, consumirá cerca de 700 milhões de litros anuais de etanol, o que a torna a maior consumidora global desse produto para uso químico do país, superando a Rhodia - que fechou acordo com uma petroquímica do Oriente Médio para produzir produtos químicos com etanol brasileiro.

Em recente entrevista ao Valor, a Braskem informou que fechou contrato com pelo menos dez usinas de etanol para a compra do produto. Além da ETH Bionergia, empresa sucroalcooleira da Odebrecht, conglomerado que também controla a Braskem, e Cosan, outras oito usinas fazem parte do grupo de fornecedores, entre eles, a Bunge, Copersucar, AdecoAgro, CPA Trading, Noble, Açúcar Guarani e Mandu. A petroquímica também vai buscar o produto no mercado "spot" (físico) e a exigência é de que seus fornecedores estejam enquadrados no código de ética da empresa, que respeitem questões relativas à sustentabilidade.

Segundo Pádua, muitas usinas sucroalcooleiras do país já trabalham para atender a esse mercado. "Além da experiência na produção, há a segurança de abastecimento (sem o risco de quebra de contrato). Além disso, as indústrias consumidoras atendem ao apelo ambiental", disse. "Muitas companhias estão fazendo investimentos em etanol de segunda geração." (MS)

Cientistas escoceses desenvolvem biocombustível com sobras do uísque - ANDREW BOLGER – Folha de São Paulo – Mercado – 20/08/2010

Um biocombustível feito de subprodutos da destilação de uísque e que pode ser usado em carros comuns foi desenvolvido por cientistas da Universidade Napier, em Edimburgo.

A equipe se concentrou no setor de uísque, que movimenta cerca de 4 bilhões (R\$ 11 bilhões) ao ano, como recurso para o desenvolvimento de biobutanol, um biocombustível de nova geração que, na estimativa dos pesquisadores, gerará 30% mais energia que o etanol. Eles receberam amostras de subprodutos da destilação de uísque na destilaria Glenkinchie, que produz o uísque Edinburgh Malt, em East Lothian. O projeto de pesquisa de 260 mil foi financiado pela Scottish Enterprise, uma organização estatal de promoção do desenvolvimento. O sistema utiliza os dois principais subprodutos da destilação de uísque -"pot ale", o líquido que resta nos alambiques de cobre, e "draff", os grãos esgotados- como base para produzir o butanol combustível. Os cientistas do centro de pesquisa de biocombustíveis da universidade solicitaram uma patente e pretendem criar uma empresa para comercializar o combustível. Com 1,6 bilhão de litros de "pot ale" e 187 mil toneladas de "draff" produzidos anualmente pelas destilarias de uísque de malte, os cientistas acreditam que exista verdadeiro potencial para a venda desse biocombustível em grandes postos de gasolina, na companhia de combustíveis mais tradicionais. Ao contrário do etanol, a natureza desse biocombustível inovador implica que carros comuns poderão empregar o combustível em substituição à gasolina tradicional sem modificação. O processo pode ser usado na fabricação de outros produtos bioquímicos ecológicos e renováveis, por exemplo a acetona. Jim Mather, ministro escocês da Indústria, Energia e Turismo, saudou a criação: "É exatamente esse o tipo de inovação que ajudará a manter a recuperação econômica e promoverá crescimento econômico sustentável".

Pedida prisão de envolvidos em fraude do álcool – Bruno Tavares e Fausto Macedo - O Estado de São Paulo – 25/08/2010

Empresário e gerente são acusados de integrar suposto esquema de sonegação do ICMS[br]investigado pelo MPE

O Ministério Público Estadual (MPE) requereu ontem à Justiça a prisão preventiva do empresário Gilmar Antonio Marcello e do gerente Marco Antonio Chiarinelli, acusados de integrar suposto esquema de sonegação de ICMS por fraudes na compra e venda de álcool. Os promotores também pediram a quebra de sigilo bancário e fiscal de um mercado em Campinas e de seus donos. O estabelecimento, sustenta a acusação, seria usado para lavar dinheiro do grupo.

A Operação Anhanguera - missão integrada do MPE, Polícia Federal, Secretaria da

Fazenda e Procuradoria-Geral do Estado de São Paulo - foi desencadeada na manhã do dia 17. Dez suspeitos foram presos, entre empresários do setor sucroalcooleiro, laranjas e um funcionário da Cosan, uma das maiores produtoras mundiais de açúcar e etanol. Também foram cumpridos 17 mandados de busca e apreensão no Rio Grande do Sul, onde está a maioria dos clientes das destilarias investigadas, e 8 no interior de São Paulo.

O suposto golpe consistia em gerar créditos do ICMS. Os promotores dizem que, embora se tratasse de álcool neutro 96%, o funcionário da Cosan Luiz Carlos Polli registrava a saída do produto como se fosse de baixo teor que conta com benefício tributário do diferimento - o recolhimento do imposto não é realizado na saída da empresa, mas quando a distribuidora revende.

Líder. Ainda segundo o MPE, o esquema era liderado por Marcello. "Segundo restou apurado, o denunciado arquitetou intrincado esquema de sonegação de ICMS no mercado de álcool etílico", assinala a denúncia (acusação formal à Justiça) assinada pelos promotores Rogério Sanches Cunha, Amauri Silveira Filho e José Cláudio Tadeu Baglio, do núcleo Campinas do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco).

O documento encaminhado à 6.^a Vara Criminal de Campinas assinala ainda que, a fim de receber a mercadoria com lançamentos fiscais em desacordo com a realidade, Marcello contava com o funcionário da Cosan, que autorizava os carregamentos de álcool. A denúncia assinala que, "para dar ares de legalidade à atividade e permitir a emissão de documentos fiscais", o empresário teria criado duas destilarias.

Ao todo, dez pessoas foram denunciadas por crimes de formação de quadrilha, falsidade ideológica e na Lei 8.137/90 (crimes contra a ordem tributária, econômica e relações de consumo).

Biomassa vai acirrar disputa com eólicas – Josette Goularte e Eduardo Laguna – Valor Econômico – Empresas – 26/08/2010

As usinas de açúcar e álcool prometem ir com apetite para os leilões de energia que estão sendo promovidos pelo governo federal desde ontem. Isso significa que são fortes candidatos a rivalizar com os empreendedores de eólicas, que também vão participar da disputa. Ontem, as duas primeiras fases do leilão de reserva registraram a venda de cerca de 100 megawatts médios de energia, todos de usinas que vão fazer cogeração a partir de bagaço de cana de açúcar. Um dos maiores ofertantes nos leilões de hoje, entre os usineiros, é a Bunge, que habilitou 300 MW.

A empresa informou que este será seu primeiro leilão e garante que vai entrar na disputa para comercializar energia e não apenas observar. Dos grandes ofertantes de energia gerada a partir de biomassa, quase todos são de usineiros, com exceção da CPFL Energia, que ontem vendeu 24 MW médios de energia.

São dois os leilões que estão sendo realizados pelo governo federal nesta semana. Um deles é o de "energia de reserva" e é usado para dar garantia ao sistema em caso de atraso ou outras contingências no fornecimento. Este leilão está sendo realizado

em três fases, diferenciadas pelo início do prazo de entrega: 2011, 2012 e 2013, respectivamente. As duas primeiras fases aconteceram ontem e a última fase acontece hoje, depois do leilão de fontes alternativas. É neste leilão, conhecido como A-3 (nome faz referência ao prazo de entrega que é daqui três anos — 2013) e que atende a demanda de energia apresentada pelas distribuidoras, que a disputa deve ser acirrada entre eólicas e biomassa. A expectativa é de que o maior volume de megawatts será negociado justamente neste leilão.

O preço-teto do leilão de fontes alternativas é de R\$ 167,00 por MWh e a expectativa é de que as eólicas não baixem do preço mínimo verificado no leilão do ano passado em que alguns empreendimentos fecharam o MWh a menos de R\$ 140,00. O consultor Gustavo Corrêa, da FG/Agro, diz que os projetos de cogeração estão prontos para fechar a preços entre R\$ 140 e R\$ 145 por MWh.

Esse foi o preço inclusive negociado na segunda fase do leilão de energia de reserva. Se as eólicas forem agressivas demais no preço, eles partem então para a terceira fase do leilão de reserva que acontece em seguida.

O problema é que nesse leilão o montante de megawatts a ser contratado pelo governo federal deve ser bem inferior.

A oferta de usinas de biomassa no leilão de fontes alternativas soma o total, em capacidade instalada, de 2.400 MW e a expectativa é de que 40% disso seja de fato ofertada. Já em eólicas o volume cadastrado é de mais de 10 mil MW. Na biomassa, além da Bunge, estão entre os competidores grandes usinas como Cosan, Bunge, São Martinho, Adecoagro, Dreyfus, Equipav (já sob o comando dos indianos) e ETH Bioenergia.

Esta última, inclusive, já vendeu ontem quase metade do potencial que vai disponibilizar nos leilões. A energia foi vendida a um preço de R\$ 154 o MWh para entrega a partir de 2011.

A receita total dos oito empreendimentos que negociaram energia ontem superaram os R\$ 2 bilhões e vão entrar no caixa das empresas nos próximos 15 anos.

O total de investimentos não foi divulgado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Entre os vencedores de ontem estão a CPFL Energia, ETH Bioenergia e Grupo Bertin. A segunda fase do leilão foi mais disputada e o deságio chegou a quase 7%. Já na primeira fase não chegou a 1,5%.

Eólica já compete com biomassa e domina leilão de alternativa – Folha de São Paulo – Mercado – 27/08/2010

DE SÃO PAULO - As fontes de geração de energia eólica dominaram ontem o segundo Leilão de Fontes Alternativas, organizado pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica).

O resultado confirmou a tendência de redução dos preços por megawatt-hora para esse tipo de fonte de energia. O leilão ocorreu em São Paulo. O preço médio de venda dessa fonte para contratos de 20 anos foi de R\$ 134,23/MWh, deságio de 19,6% sobre o preço-teto. Nesse tipo de contrato, os projetos de eólicas competiram com as usinas de açúcar e álcool e venceram de longe. Dos 51 projetos, apenas 1 térmica, localizada na região Sudeste, conseguiu vender energia nesse leilão, a R\$ 137,92. As demais 50 usinas são eólicas. A maior parte fica na região Nordeste. O restante será instalado na região Sul.

O preço também foi menor do que os de projetos de PCHs (pequenas centrais hidrelétricas). Os contratos de 30 anos fechados por empreendedores de PCHs tiveram preço médio de R\$ 146,99/MWh, deságio de apenas 5,17%. No leilão de energias alternativas, a venda alcançou cifra de R\$ 17,5 bilhões. Esse valor corresponde ao volume de energia que será entregue aos consumidores ao longo da vigência dos contratos, de 20 a 30 anos. Todas essas usinas terão de iniciar o fornecimento em 2013, segundo a Aneel. A principal empresa a negociar energia eólica no leilão de fontes alternativas foi a espanhola Iberdrola. A estatal Chesf veio em seguida.

Multiplicar ações é desafio para o Brasil manter liderança no setor de bioenergia – José Carlos Grubisich – Folha de São Paulo – 28/08/2010

A relevância conquistada pelo setor brasileiro de bioenergia é indiscutível. O sucesso do carro flex, que movimenta a escolha por combustível mais competitivo nos postos do país, confirma as vantagens econômicas do etanol. As últimas iniciativas na Europa e nos Estados Unidos evidenciam que estão superadas as incertezas quanto ao potencial de crescimento da demanda internacional. O desafio agora é preparar o Brasil para assegurar a liderança no setor em curto, médio e longo prazos. Essa evolução depende da definição clara de uma matriz energética. Essa é a condição fundamental para a estruturação de planos como a logística competitiva para o escoamento da produção. Nos próximos anos, as empresas devem preparar-se para reforçar investimentos em pesquisa e inovação, estimular fornecedores de bens de capital e formar operadores de máquinas de última geração em tempo recorde. Não são tarefas fáceis. A definição de política energética de longo prazo depende de amplo e cuidadoso estudo que estabeleça o papel e a importância de cada fonte de energia no futuro do país. A transparência desse planejamento garantirá a confiabilidade de investimentos pelos mercados interno e externo. A construção de um sistema logístico integrado é um desafio latente. É preciso unir forças para criar um alcoolduto que leve a produção de etanol do Centro-Oeste para outros centros consumidores. Os benefícios do projeto, avaliado em R\$ 2 bilhões, envolvem a redução do custo de transporte, do uso de diesel e da emissão de CO₂, além de ser indispensável o reforço na infraestrutura para a abertura dos mercados internacionais. É essencial o fortalecimento das empresas de bens de capital para que elas acompanhem o crescimento do setor de bioenergia. A indústria precisa redinamizar sua gestão, criando uma estrutura de capital adequada, financeiramente sólida e capaz de prover novas tecnologias que elevem a competitividade do etanol. Hoje, o Brasil é o país mais competitivo na produção de energia renovável e é destaque na área de P&D, por meio de institutos como o Centro de Tecnologia da Cana. Multiplicar tais ações é imperativo estratégico para manter a liderança. É importante que os produtores aproximem-se ainda mais de iniciativas públicas e privadas que invistam na evolução de soluções biotecnológicas. Respeitáveis conquistas foram comemoradas nos últimos anos, mas o setor precisa de mais.

O espaço do etanol entre os grandes consumidores mundiais depende da iniciativa do

Brasil em impulsionar sua produção em outros países, garantindo confiabilidade, exportando experiências e tecnologia. Todos esses desafios precisam ser superados para que o país consolide a liderança e assuma o papel de protagonista mundial na produção de energia limpa e renovável.

Brasil está mais capacitado para produzir alimentos e biocombustíveis – Sítio Eletrônico do MAPA – 30/08/2010

Sertãozinho (SP), 30.8.2010 - O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Wagner Rossi, defendeu, nesta segunda-feira, 30 de agosto, a difusão de informações sobre a produção agropecuária brasileira para derrubar mitos como o da incompatibilidade entre produção de etanol e de alimentos. “Ainda há muita gente que desconhece a realidade do Brasil. Temos que trabalhar dando informação, não somos obrigados a aceitar que o desconhecimento gere preconceito”, disse.

Wagner Rossi fez a declaração no painel de abertura do 12º Fórum Internacional sobre o Futuro do Alcool, que acontece em Sertãozinho (SP). O encontro abre a agenda de trabalhos da *18ª Fenasucro - Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira* e da *8ª Agrocana - Feira de Negócios e Tecnologia da Agricultura da Cana-de-Açúcar*.

Ele mandou um recado aos investidores estrangeiros que participam do Fórum e visitarão a Fenasucro & Agrocana nos próximos dias. “É bom que eles saibam que estão vindo não só para a agricultura que hoje, no mundo, tem os maiores índices de crescimento tecnológico, de incorporação de ciência ao processo produtivo, mas também para a agricultura que tem os maiores índices de preservação no mundo produtivo”.

Mitos

O ministro lembrou que a produção de cana é superior a 660 milhões de toneladas, mas ocupa menos de 1% do território nacional. “Como é que conseguiram criar aquele mito de que a cana estava invadindo áreas de produção de grãos?”, indagou. Ele lembrou que a safra de grãos deste ano atingiu a cifra recorde de 147 milhões de toneladas.

Outro dado mencionado por Wagner Rossi é o de que a produção de cana gera 28,5 bilhões de litros de etanol e 38 milhões de toneladas de açúcar. Ele lembrou que o setor sucroalcooleiro propiciou uma importante contribuição econômica e social para o Brasil. Além disso, em quase 50% da área ocupada pela cana há também produção de alimentos.

O ministro destacou, ainda, o empenho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na promoção do etanol nacional. Como exemplo, citou o incentivo aos carros flex, o zoneamento agroecológico (que indica as áreas aptas para o plantio) e a difusão do programa brasileiro de produção de biocombustíveis em foros internacionais. Também elogiou o dinamismo do empresariado do setor sucroalcooleiro.

Wagner Rossi citou os atuais desafios da agricultura: a desoneração da produção e a maior eficiência logística. Segundo o ministro da Agricultura, a questão da infraestrutura será alcançada com os investimentos das duas edições do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

A *Fenasucro & Agrocana* é o maior encontro mundial do setor sucroenergético, referência em tecnologia e intercâmbio comercial para usinas brasileiras e profissionais que atuam em 40 países. Voltado para negócios, o evento é uma oportunidade de encontro entre os principais fabricantes de equipamentos, fornecedores de produtos e serviços para a agroindústria da cana.

O evento acontece até 3 de setembro, no Centro de Eventos Zanini, em Sertãozinho (SP). Os visitantes poderão conhecer todas as etapas do processo de produção da cana-de-açúcar, que vai desde o preparo do solo, plantio, tratos culturais, colheita, industrialização, mecanização e aproveitamento dos subprodutos. (*Mylena Fiori*)

Biodiesel

Pesquisadores debatem potencial do pinhão manso como biocombustível – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/08/2010

Brasília (18.8.2010) - O pinhão manso (*Jatropha curcas*) é vegetal rico em óleo e gordura, com potencial para produzir quatro mil quilos de óleo por hectare, para a produção de biocombustíveis. Discutir os avanços de conhecimento, as pesquisas sobre a cultura e experiências bem sucedidas em lavouras implantadas são os objetivos do *2º Circuito Nacional do Pinhão Manso*, que acontece na próxima quinta-feira (19), em Colatina (ES). A primeira etapa foi realizada em Brasília, no ano passado.

Segundo o coordenador-geral de Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Denilson Ferreira, a promoção da cultura do pinhão manso é estratégica no ministério. “Estamos investindo em pesquisas, que buscam a domesticação e domínio tecnológico do pinhão manso, para difundir o conhecimento adquirido aos agricultores que desejarem cultivar a espécie”, destaca Ferreira.

Durante o circuito, serão apresentados recentes avanços de pesquisa, os sistemas de produção do pinhão manso e casos de sucesso de seu cultivo. O encontro tem apoio do Mapa e é uma promoção da Associação Brasileira dos Produtores de Pinhão Manso (Abppm), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Prefeitura Municipal de Colatina. (*Sophia Gebrim*)

Mais informações sobre o evento no site <http://www.abppm.com.br>

Programa de biodiesel não ajudou ambiente nos aspectos produtivos – Agência Folha – 24/08/2010

Pesquisa da professora Flavia Trentini, da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP) da USP analisou o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) e concluiu que a implantação do Selo Social mostrou-se eficaz para melhorar os indicadores econômicos e sociais dos agricultores. Mas os indicadores ambientais foram muito tímidos nos aspectos produtivos --não se levou em conta na pesquisa o uso em si do combustível.

Segundo Flavia, a presença de cláusula ambiental de responsabilidade dentro do PNPB atua posteriormente à degradação ambiental, portanto é necessária uma revisão dessa questão pelo órgão que concede o Selo Social para o biodiesel.

Jorge

Araújo/Folhapress

O produtor Arlindo Fucina inspeciona soja no Maranhão. O estudo avalia o impacto do Selo Combustível Social no PNPB a partir dos indicadores de sustentabilidade econômico, social e ambiental. A pesquisadora utilizou

amostras coletadas em dois pólos de produção de matérias primas do biodiesel, em Quixadá (Ceará), e em Cachoeira do Sul (Rio Grande do Sul).

"Escolhemos Quixadá em função de a região receber incentivos governamentais e por estarem focados no desenvolvimento de culturas alternativas, sobretudo da mamona, e na geração de renda numa das regiões mais pobres do País", explica.

No Sul, que utiliza a soja para a produção do biodiesel, diz a pesquisadora, a escolha se deu por ser a que mais se sobressai na produção do **biocombustível** e em 2009, representou 75,4% de toda a produção do Brasil.

ECONOMIA

A questão econômica foi analisada a partir de dados de geração de renda e de renda complementar e retorno econômico satisfatório. Já o social teve por base a autossuficiência alimentar da família, por meio da diversificação de culturas, incentivo ao processo decisório coletivo e proteção à diversidade cultural.

Já a questão ambiental focou-se na proteção de recursos naturais (solo e água) e rotação e consórcio de culturas. "A pesquisa foi qualitativa, com 60 **agricultores familiares** produtores de oleaginosas destinadas à produção de biodiesel, a escolha dos agricultores participantes foi intencional e não probabilístico", diz a pesquisadora.

No Ceará, o perfil dos agricultores que fizeram parte da amostra é de homens, com mais de 40 anos, analfabetos, assentados pelo Programa Nacional de Reforma Agrária e com experiência de mais de 10 anos na agricultura. As propriedades têm tamanho médio de 23,69 hectares, mas a área destinada ao plantio da mamona não ultrapassa a 2,18 hectares.

No Sul são homens, com mais de 30 anos de idade, alfabetizados, mas 68% não completaram o primeiro grau, 83% são proprietários e arrendatários das propriedades, e com experiência também de mais de 10 anos na agricultura.

O tamanho das propriedades no Sul é quase três vezes maior que do Ceará, 61,10 hectares, e a área destinada ao plantio da soja não passa de 44,33%. Para a pesquisa nos dois locais também foram entrevistados representantes de empresas envolvidas na produção, associações de classe e órgãos do governo.

INDICADORES

AMBIENTAIS

Os indicadores ambientais foram analisados sob o aspecto do meio ambiente natural, aquele que existe independente da influência do homem, como, por exemplo, água, flora, fauna e solo.

A preocupação nesse aspecto foi com a rotação de culturas, que se agrega ao uso de corretivos no solo como fatores de proteção. No Sul, 70% dos agricultores responderam que utilizam corretivos, enquanto no Nordeste esse índice é de 58%.

Por outro lado a rotação de culturas em alguns locais das duas regiões é feita por meio de consórcios, mas algumas das culturas não são indicadas para a proteção e

conservação

do

solo.

Os agricultores das duas regiões foram questionados sobre a existência de área não cultivada e destinada à preservação da vegetação, como reservas legais e de preservação permanente. Enquanto no Sertão Central do Ceará 64% dos agricultores responderam que possuem área não destinada ao cultivo, no Centro do Rio Grande do Sul, 80% dos entrevistados deixam de produzir em uma área determinada.

No Nordeste, dois fatores chamaram a atenção da pesquisadora. "A expressiva área destinada à reserva legal é resultado da forma de aquisição da propriedade", explica. "Os entrevistados são assentados no Programa Nacional de Reforma Agrária, que obriga a averbação da área de reserva legal. Também a falta de maquinário para trabalhar a terra pode explicar esse índice".

Outro fato que despertou a atenção foram as condições dos recursos hídricos. No Nordeste, 91% não despejam qualquer tipo de dejetos nos rios, riachos, olhos d'água, enquanto no Sul esse percentual é de 75%. O dado não esperado, segundo a pesquisadora foi a afirmação de separação dos resíduos orgânicos e inorgânicos por 73% dos agricultores da região Sul, que conta com coleta seletiva rural.

O estudo da professora Flavia faz parte do trabalho de pós-doutorado apresentado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP, em São Paulo.

Incentivos ao biodiesel não melhoram indicadores ambientais em determinadas regiões – Globo Rural – 25/08/2010

Segundo pesquisadora, famílias tiveram melhora em questões econômicas e sociais, mas suas práticas ambientais não se alteraram por Drielle Sá

A implantação do Selo Combustível Social do Programa Nacional de Produção de Biodiesel (PNPB) chegou a melhorar os indicadores sociais e econômicos de agricultores em determinadas regiões do Brasil, mas os indicadores ambientais ainda não mudaram muito. A conclusão foi feita após pesquisa de campo que questionou 60 agricultores de dois polos de produção de matérias-primas do biodiesel.

Responsável pela pesquisa, que constituiu seu pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), Flavia Trentini analisou se os indicadores que definem, pelas cláusulas do PNPB, a sustentabilidade de uma região haviam sofrido modificações após a implantação de culturas voltadas para a produção de biodiesel.

Os entrevistados foram **agricultores familiares** de Quixadá, no Ceará, e Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul. O município nordestino foi escolhido por receber incentivos governamentais e pelo foco no desenvolvimento de culturas alternativas, em especial a de mamona, como forma de melhorar a renda da região. Já Cachoeira do Sul é

considerada Polo Central do Rio Grande do Sul pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), região de grande expressividade na produção nacional do biodiesel a partir da soja.

“Foi possível concluir, após a pesquisa de campo, que as novas culturas melhoraram as questões econômicas e sociais dessas regiões, mas os indicadores ambientais quase não se alteraram desde então. Os agricultores não mudaram suas práticas ambientais por plantar as oleaginosas”, afirma Trentini. Segundo ela, falta ainda assistência e instruções mais pontuais no campo, que deveriam ser oferecidas pelo próprio MDA ou pelas empresas que compram sua matéria-prima dessas famílias.

No entanto, mesmo com pouca alteração, os indicadores são altos nessas regiões. Conforme a pesquisa aponta, por exemplo, 64% dos agricultores de Quixadá possuem áreas destinadas à preservação em suas propriedades, enquanto em Cachoeira do Sul esse percentual é de 80%. Quanto às condições dos recursos hídricos, no sertão central do Nordeste as pessoas afirmaram, em 91% dos casos, que não despejam qualquer tipo de dejetos nos rios, riachos ou olhos d’água. No Sul, 75% fazem o mesmo, sendo que muitos (73%) realizam a coleta seletiva rural, separando resíduos orgânicos dos não orgânicos. “Isso mostra que a cláusula ambiental do PNPB atuou posteriormente a qualquer degradação ambiental, e por isso é necessária uma revisão dessa questão pelo órgão que concede o Selo Social para o biodiesel. Afinal, não foi o biodiesel o que mais contribuiu para esses resultados”, afirma Trentini.

A pesquisa faz parte de um estudo mais abrangente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que, desde 2008, busca analisar a sustentabilidade proporcionada pelos biocombustíveis, em especial o biodiesel e o etanol.

As limitações do biodiesel – Celso Ming – O Estado de São Paulo – 29/08/2010

Começa amanhã e vai até sexta-feira o 19.º leilão de biodiesel promovido pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Desta vez, o preço-base do biocombustível a ser fornecido pelos produtores às refinarias é de R\$ 2,32 por litro.

Esse será o terceiro leilão em 2010 e tem como objetivo colocar no último trimestre do ano 615 milhões de litros do produto para garantir a mistura obrigatória de 5% (B5) ao combustível (diesel) que transporta grande parte da riqueza do País.

Em 2010 deverão ser produzidos 2,4 bilhões de litros de biodiesel, mas a capacidade instalada é quase o dobro disso: 4,6 bilhões. E por aí já se pode ter a primeira ideia dos problemas.

O programa do biodiesel carrega dois estrangulamentos estruturais graves. O primeiro deles é seu alto custo de produção, 60% maior do que o do diesel de petróleo. O projeto só é viável porque o governo lhe garantiu reserva de mercado. Cada litro de diesel vendido nos postos de combustível tem de ter, por lei, os tais 5% de biodiesel. Ainda

assim, esse teor na mistura só era para acontecer em 2013. Foi a forte oferta que levou as autoridades a antecipá-lo para o início deste ano.

Apesar do presentão, os produtores acham pouco. Para garantir escoamento de sua mercadoria, querem já para 2014 uma mistura obrigatória de 20% nos grandes centros urbanos e de 10% no resto do País, conforme avisa o presidente do Conselho Superior da União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio), Juan Diego Ferrés.

Por enquanto o governo não dá mostras de atender a essa reivindicação. O diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, Ricardo Dornelles, adverte que o programa precisa antes passar por uma profunda avaliação.

O segundo estrangulamento é a excessiva dependência do óleo de soja, matéria-prima de nada menos que 85% de todo o biodiesel produzido no Brasil (veja gráfico). Essa é uma vulnerabilidade grave, por duas razões. Primeira porque a soja é também alimento e seu uso como combustível pode provocar escassez com consequências geopolíticas.

A segunda razão está ligada à primeira: a soja é uma commodity cujas cotações estão sujeitas aos trancos do mercado internacional. A qualquer momento uma alta súbita pode inviabilizar a produção.

A saída parece óbvia: substituir a soja por outra matéria-prima. Mas a troca não é simples. O especialista José Manuel Cabral, da Embrapa Agroenergia, explica que as pesquisas de campo levam tempo e que a obtenção de novas oleaginosas a custos compatíveis não ocorrerá antes de cinco ou seis anos.

A aposta da hora já foi o pinhão-manso e agora é o óleo de palma (conhecido como dendê). O mesmo hectare pode render 0,5 tonelada de óleo de soja e até 6 toneladas de óleo de palma. De olho nessa boa produtividade, o governo lançou em maio um programa de incentivo à cultura. O objetivo é quadruplicar a produção em dez anos. Hoje, o dendê corresponde a apenas 0,89% da matéria-prima utilizada.

Mas as limitações não se esgotam aí. Nenhuma outra fonte tem uma cadeia de produção e distribuição tão desenvolvida quanto a da soja. E isso conta. / COLABOROU ISADORA PERON

Aí vem o Copom

Quarta-feira, dia 1º, tem reunião do Copom e a definição de novo nível dos juros. Do último encontro (em 21 de julho) até agora, muita coisa mudou na expectativa do Banco Central e isso pode modificar as coisas.

Desaquecimento

Em julho, o Banco Central apostou no desaquecimento da economia interna. Por isso, em vez de aumentar os juros em 0,75 ponto porcentual ao ano, apertou apenas em 0,50 ponto porcentual.

Aquecimento

Mas o comportamento da economia continua acelerado. O desemprego caiu, o mercado de trabalho está aquecido, a massa salarial aumentou, o crédito está ainda mais forte, a produção industrial voltou a crescer e a expectativa dos formadores de preço é a de que a inflação voltará a subir. Ficou mais difícil apostar em que o Banco Central vá reduzir novamente a dose dos juros, para 0,25 ponto percentual ao ano, como se previa. O mais provável agora é que repita o 0,50 ponto percentual.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Brasil e China devem fabricar biocombustíveis na África – Cirilo Junior – Folha de São Paulo – Mercado – 24/08/2010

Produção deve ser voltada inteiramente para o mercado do país asiático

Diretor do Itamaraty afirma que ainda não há definição sobre o país e o projeto que será instalado na África

O Brasil prepara parceria com a China para fabricar biocombustíveis na África, a exemplo do que já faz com os Estados Unidos e a Europa. A produção deve ser totalmente voltada para o mercado chinês, afirma o diretor do departamento de energia do Ministério das Relações Exteriores, André Lago. "As conversas já foram iniciadas. O Brasil sabe das responsabilidades em relação à África e tem procurado chamar outros países para desenvolver o continente", afirmou à Folha, após participar do seminário Mudanças Climáticas e Tecnologias Inovadoras para Energia, promovido pela Coope/UFRJ. A China pretende dobrar, nos próximos anos, a geração das chamadas novas energias, como biocombustíveis, solar e eólica. Com o projeto da África, a China pretende emitir créditos de carbono para compensar a emissão de gases, cada vez maior diante do forte avanço da terceira maior economia global em 2009. Lago disse que ainda não há definição sobre o país e qual projeto será instalado na África.

O ministro Samuel Pinheiro Guimarães (Secretaria de Assuntos Estratégicos) disse considerar a China um dos principais parceiros do país pelo fato de ser um dos maiores produtores de ciência e tecnologia do mundo. Ele ressaltou que o Brasil vem desenvolvendo parcerias no setor energético com diversos países. "Eles têm preocupação grande, têm emissões importantes de gases por causa da utilização do carvão. Temos possibilidade de cooperação muito grande com outros países, inclusive com a China", observou. **(CIRILO JUNIOR)**

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

oppa **Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura**

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



NEAD

Ministério do
Desenvolvimento Agrário

